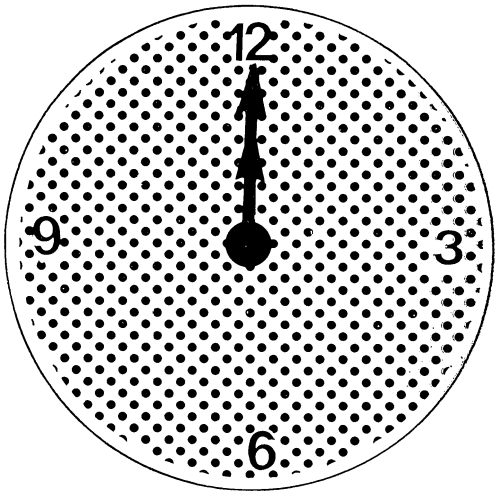
PARAÍBA
AS HORAS EM PONTOS



memórias

JOSÉ URQUIZA

DO AUTOR

RASTRO DE ANDARILHO
O SACO
O PAPO DA CORUJA
A P...VIDA
O SOCIAL CANTO DA ÁGUA
(SEPARATA DE OITÃO DA SERRA)
ROMANCE, NOVELA E POESIA

EM CINEMA:

SÃO BENTO A COMUNIDADE PERFEITA
O SOLITÁRIO DE TAMBAÚ.
AÇUDAGEM DO NORDESTE
O MITO DO JUAZEIRO
VERDE QUE TE QUERO VERDE

TEATRO

PARAÍBA POESIA
CITEL EDITORA

DIAGRAMAÇÃO E MONTAGEM

Hermance Lima

REVISÃO

Hermance Lima

CAPA E ILUSTRAÇÃO DE

Sandoval Fagundes

ESTE TRABALHO FOI
COLHIDO TAQUIGRÁFICAMENTE
POR MARIA DO SOCORRO DE
OLIVEIRA, QUE O DATILOGRAFOU.

À memória de Virgínius da Gama e Melo.

E aqui devo fazer uma afirmativa que não surpreenderá nenhum de meus compatriotas, mas será inacreditável a ouvidos estrangeiros.

Durante esses trinta e dois anos, muitos dos nossos estadistas, políticos, almirantes e generais, souberam que toda a correspondência do alto comando inglês estava em meu poder; e muitos desses homens, de tempos em tempos, conversaram ou se corresponderam comigo, sobre assuntos referentes à guerra. Contudo, eu declaro não ter qualquer lembrança de nenhum deles jamais me ter dito que alguma coisa, fosse lá o que fosse, devesse ser mantida em segredo, para honra de nossas forças armadas e para o crédito da Nação Inglesa.

Todos partiam do simples princípio de que a melhor coisa para a reputação inglesa era a verdade .

Alexander William Kinglake. Referido por Milor Fernandes no número 381 da Revista Veja e apontado por Churchill como o maior escritor de língua inglesa.

Compreenda-se o alcance da assertiva que nos levaria, na transplantação da fórmula de famoso pensador patrício, a elaborar História Regional e consumir História Nacional. Estado pequeno, cuja economia, visceralmente agrária e latifundiária, cedo nos faria padecer das limitações do coronelismo rural, com a consequente marginalização do povo, muito mais objeto do que sujeito da História, aqui encarada ao nível das grandes decisões que se processaram em escala de alta política e administração, já foi muita coisa que a Paraíba se fizesse, como em 1930, pela mão de João Pessoa, um pólo das mais consequentes afirmações do povo brasileiro ".

José Octávio de Arruda Mello, Paraíba de 11 Presidentes, 4 Interventores, 7 Governadores e alguns Vices, afora outros. (Almanaque da Paraíba, 1973, página 231).

1

OS CAVALEIROS

Nasci numa segunda-feira às sete horas. O dia era 17 de julho de 1922. Pelo que posso depreender, o inverno ia ao fim, pequenas cordas de chuva desfiando-se ao sol. As águas, segundo os que se referem a esse longínquo ano da minha natividade, haviam sido abundantes, os sertanejos a empaiolarem cereais e a aguardarem o começo da safra de algodão. Este já devia abrir, pesado de casulos.

O farmacêutico Alcebíades Parente, — que ainda hoje vive pelas ruas de Patos, com noventa anos, apoiado num bastão e que na mocidade foi grande ciclista, possuindo uma bela Halley Davidson 1200 — fora chamado para atender à minha mãe. Mas eram três léguas a vencer, da cidade à fazenda onde morávamos, e nesse tempo não havia moto para o doutor Alcebíades. Ele fez o percurso a cavalo, que era o único transporte da época. e demorou tanto que, ao chegar, eu já havia nascido. Recepcionara-me uma vizinha, a quem fiquei chamando, pelo resto da vida, de Mãe Antônia.

À falta de um parteiro, eu ganhava mais uma mãe.

Comecei a ter noção de mim mesmo aos cinco anos.

A casa da fazenda tinha um amplo jardim, — minha mãe adorava bogaris e jasmins — e me vejo debaixo de uma laranjeira, tomando banho de cuia.

À sombra da árvore havia um imenso tonel para a água destinada as plantas, e, à falta do líquido em casa, minha mãe me banhava ali mesmo, sem se apiedar do frio que eu sentia. Frio tão intenso que, depois do banho, enquanto ela ia buscar a toalha, fazia com que eu me enxugasse, tal a tremedeira, à maneira dos cães.

Meu pai não estava e ela me queria de banho tomado e de roupa bem limpa e passada para acompanhá-la a uma visita numa fazenda próxima.

— Não posso deixar de ir. Já não vou ao enterro, pelo menos uma visita tenho que fazer. E se seu pai não está, minha companhia é você.

A visitação era a uma vizinha nossa, falecida ao canto do galo, viúva de João Alves, afazendado a meia légua, propriedade que tinha até casa-de-farinha, cujas desmanchas continuaram com os filhos herdeiros, sempre presenteadores, a meu pai, de valiosos beijus.

Chegado o cavalo, de selim novo, minha mãe, já de rebenque à mão e espora no pé, mandou que me botassem à garupa. O caminho, lá adiante, sombreava-se de cajazeiras e oiticicas, e aos acidentes, ela reclamava.

— Tenho que ir contando os passos você não se sustenta bem, pode cair.

Se minha mãe não se permitia desenvolver o animal, eu, acostumado a andar na lua-da-seia, com meu pai, achava a viagem horrível. Felizmente, adiante, encontrávamos meu pai, de volta. Fora ele à cidade, para um júri, mas, por ter sido este adiado, o seu regresso se antecipara.

— Para onde vão assim?

— Para o Jacu, dona (não me lembro o nome) morreu.

— Quando ? Como ?

— De madrugada. Coração. Sebastião esteve lá em casa, contando.

— Então vamos.

Pondo seu cavalo à frente do de minha mãe, ele promoveu a mudança.

— Vou botar o menino aqui na lua-da-sela, fica melhor.

Senti-me aliviado. A garupa era posição por demais incômoda, tomava a visão do caminho, desequilibrava-me quase sempre. Meu pai — via eu — chegava na hora. Não era nenhum boticário.

Esse episódio, que emerge límpido da infância, ficou-me na memória, de tal forma o alívio experimentado, da

garupa para a lua-da-sela. Ainda hoje, quando saio para uma situção melhor, é a sensação que sinto. E digo sempre, de mim para mim: "A lua-da-sela é outra coisa."

Mas, e por que isso? E agora ?

Bem.

Envolvido recentemente em acontecimentos políticos, achei que devia um depoimento à Paraíba. Prevalecido do que vi, senti e observei.

Espero ter realizado um trabalho a nível alto, sem achincalhe. Tudo aqui vai correr em clima memorialista, talvez até com humor negro e algum fantástico. Transliteratura, tão do gosto. Claro que não vou apenas me preocupar com o Governador, mas com todos os que o cercam, porque se trata, òbviamente, de um sistema. E ululantemente um mau sistema. Será a minha contribuição visando a melhoria dos costumes políticos, ao menos isso. Para que a Paraíba saia da garupa. Não para a lua-da-sela.

Para a cela.

O LEÃO E A ACHA

2

Andei por escolas, colégios, faculdades e sou bacharel em Direito. Mas isso importa pouco ou nada. O que me sinto mesmo é escritor. "Bom ou chinfrim, mas escritor", como dizia Graciliano Ramos.

Minha luta é impulsionada por essa posição, por ela estimulada.

Ser escritor ainda honra muita gente. Ernani Sátyro, quando Governador, entregando-me um volume da segunda edição de "O Quadro Negro", confessou:

— O gostoso é isso. Eu trocaria a Governança por uma grande obra tranquilamente. Quer escrever um grande romance, sentir-se realizado, ou ser Governador? Eu responderia na bucha. Tinha graça... Quero a grande obra!

A Paraíba é farta em escritores. É grande a lista e sabida por todo mundo. Até o atual Governador Ivan Bichara Sobreira já escreveu um livro. E até bom. Mas é em Alírio Meira Wanderley, que não conseguiu deixar algo de mais concreto porque amarrado a indesejável marxismo, que vou buscar suporte para justificar a idéia deste livro:

"Há um intruso á porta do nosso tempo: tem um ar

carregado, um ar de leão e, no punho, fuzila-lhe qualquer coisa como uma acha. O seu caminho foi preparado: chega, pois, como alguem longamente esperado, fundamente temido. É o escritor. O escritor de hoje, que deverá decifrar para nós o insólito enigma. Ele, ninguém mais." (Caneiros Cinzentos — pág. 24).

Pois bem.

Senti-me no dever disso, que os tempos são de luta em toda parte, à procura do chamado mundo melhor. Sei que devo ser prudente, porque escritor nunca deve abrir muito a boca. Não entra mosca não, entra bala. E esse desgraçado ser que é ele, parece marcado mesmo por Deus para as grandes missões históricas, embora pessoalmente sempre acabe não ganhando nada, como Voltaire, que depois de servir alguns anos a Frederico, da Prússia, terminou sendo expulso do Palácio.

— Mas Vossa Majestade bota um sábio para fora assim?

— Essa gente é como laranja. Chupou, é jogar o bagaço fora.

Qualquer que seja a sorte, contudo, o escritor não pode fugir ao seu papel, e com o máximo de autenticidade, como aquela personagem da peça teatral francesa "Massacre", que, condenado à forca é exortado a entregar-se à pena mais ou menos assim:

— Foste Dom Juan, César e outros, mas agora vais interpretar o papel mais difícil da tua carreira: vais ser tu mesmo!

E o ator sobe ao catafalso, tranquilo, exortado a ser ele mesmo, ele que fora tantos. E morreu bem, muito bem.

O escritor é esse intérprete e se torna tanto maior quando se interpreta a si mesmo.

Contam que, quando Maria Antonieta partiu para a forca, um dos ministros teria dito: "Era o único homem que o Rei tinha ao seu lado."

O que fica do ser humano é a coragem, é a dignidade da vida, pois os gladiadores romanos já usavam a máxima: "É melhor morrer do que perder as razões de viver".

A Paraíba precisa ser salva, ela está sofrendo. E não precisaríamos, para aliviá-la, de derrubar o Governo, se poder tivéssemos para tanto. Lutar não é só pegar em armas, golpear os potentados. É também ajudá-lo com a palavra. Fazê-lo derivar, em boa linguagem marítima, para borbordo ou boreste. Compeli-lo a mudar de rumo. É gritar: "Esta errado! Por aí não dá, a rua está toda esburacada pela CAGEPA, o senhor não passa, volte, pegue o asfalto.

Estas observações de PARAÍBA AS HORAS EM PONTO são também uma colaboração ao Governo. Ele começa, ainda dispõe de tempo para reajustar as suas idéias, reorganizar a máquina administrativa e tirar o Estado do caos que o ameaça. Por isso essa citação, por edital, ao eminente dr. Ivan Bichara Sobreira, para que ele desperte e veja que afinal está marchando por ruas esburacadas, invios caminhos, perigosas veredas que acabarão por lhe retirar a condição de Governante, digno das responsabilidades que lhe conferiram o Presidente da República e as tradições paraibanas.

Nada de atoleiros. Asfalto e asfalto muito, dos que ele acaba de inaugurar, construção embora do Governador Ernani Sátyro, e que fez o dr. Firmino Leite, presente à festa, pasmar: "Eu vinha aqui em quatro patas, agora chego em quatro rodas".

A estrada Redenção do Vale, que sepultou, para sempre, o rasto de boiadas e tangerinos, no último capítulo da civilização do couro.

Henry e Diana Lee Thomas, num de seus livros sobre personalidades, da famosa coleção da editora GLOBO, contam que, numa noite de inverno moscovita, a neve caindo, Catarina chamou a sua aia e um cocheiro e saiu à rua. Adiante parou e disse para os dois:

— Estão vendo esta praça? Quem sabe se não será aqui que erguerão a minha estátua? Tudo fiz pelo povo, transformei a Rússia numa grande nação. É tal a minha consciência do dever cumprido que um dia me chamarão de Catarina, a Grande.

Governar só é belo para governar bem.

CINDERELA 3

Chamados os dissidentes de Patos, eu e o meu primo Walter Vieira sempre contatávamos com o dr. Ivan Bichara Sobreira, na luta tremenda e mais bela que já se travou no Estado, que foi a campanha da Coligação Democrática Paraibana, que levou José Américo de Almeida ao Governo do Estado. Muito gentil, ele, numa de nossas vindas à Capital, levou-nos a almoçar no Cassino da Lagoa. Ainda tenho o gosto de peixe ao molho de não sei de que na boca. E ele nos dizia:

— Vocês terão que lutar muito, mas os ajudaremos. Lutem para derrubar Ernani, lá em Patos. Vencendo-se, o Município poderá até ter uma representação no Governo...

O cidadão Ivan surgiu na minha vida assim: numa luta cívica que a História paraibana recolheu como a sua maior página de civismo.

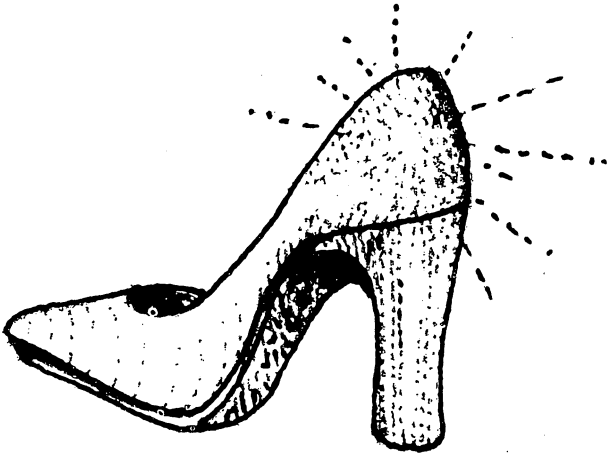
Ivan pagou o almoço, veio a vitória estrondosa de José Américo, nós ganhando em Patos para Ernani, graças a ajuda dos valorosos aliados políticos, e a representação no Governo se efetivou. Walter Vieira foi convocado para uma das Delegacias da Capital, tendo a honra de servir a um Governo

extraordinário, escrupuloso, da sensibilidade aos interesses populares como foi o do atual "Solitário de Tambaú".

Todas as vezes que eu vinha a João Pessoa, era certa a visita a Ivan Bichara Sobreira. Achava-o formidável, modelar, e, vendo o seu comportamento, pensava com meus botões: "Se todo político calça 40, esse moço de Cajazeiras é na base de Cinderela", tal a correção de seus compromissos, a chama ideológica que aprendera a acender talvez na sua fase de integralista. Coisa feia. que quem foi nega, quem não foi condena, quando nos lembramos dos males do nazi-faicismo. Mas, certo que o atual Governador era bastante jovem, não tinha maior capacidade de discernimento e entrara simplesmente na onda. E tem um mérito, não esconde. Foi uma besteira a que todos nós estamos expostos, besteira igual a essa aventura governamental que vive.

Foi assim que o vi entrar na minha vida, para só sair trinta anos depois.

Afinal, trinta anos é prazo de prescrição.



O GRANDE ORIENTE

4

Não posso deixar de dizer que um paraibano da mais alta valia humana — Eunápio Torres — fortalecia Ivan junto a todos nós do Partido Libertador, que nos reunia. Àquela época, a lei eleitoral tinha liberalismos incriveis. Nós, dissidentes da U. D. N., por iniciativa de Plínio Lemos conseguiramos, sem ser parlamentaristas, agasalhamento nessa agremiação, fundada pelo eminente gaúcho Raul Pila.

— Plínio, mas para entrar nesse Partido precisa ser parlamentarista. Aquele negócio de ser o Congresso quem manda... Primeiro Ministro... Você sabe que nós somos presidencialistas, muitos, ainda monaquistas!

Os belos cabelos brancos de Plínio, exuberantes e sempre despenteados, "cabelos de mentira", como chamou certa vez um poeta, por ser Plínio, à época, moço, pareciam mudar de cor.

— Entra todo mundo no Partido! Isso de parlamentarista não tem a menor importância, acerta-se depois.

Mas dizem que o velho Pila é um idealista, não vai concordar com isso!

— Que Pila é idealista é, mas não vai nem saber

que somos presidencialistas! Vamos é ganhar a eleição aqui na Paraíba por vinte anos na frente!

Bem acobertados pela legenda do dr. Raul Pila, formávamos um grupo homogêneo de políticos, coeso e forte. Nem grande nem pequeno, o Partido Libertador era uma família. Dr. Virgínio Veloso Borges capitaneava com os custos, em seu escritório na praça Antenor Navarro, e o saudoso Pereira Gomes, "Chumbo Grosso", seu auxiliar, transmitia as ordens miúdas:

—Dr. Virgínio manda dizer que não abre mão da votação de Ivan lá em vocês, quer elegê-lo.

Bem.

Eunápio, que a esse tempo morava ali perto da Lagoa, oferecendo-nos lautos almoços, com o conhecimento que tinha do pessoal da Capital, assegurava para nós, eu e Walter Vieira, políticos enterrados no sertão:

— No PSD sempre brigam uns com os outros. No Libertador não, é um por todos e todos por um. Uma maçonaria.

Vencidas todas as lutas em que nos metemos, e com a evolução dos acontecimentos que envolveram o País, o PL foi morrendo por não ter mais razão de ser na Paraíba, cada um de nós tomando o seu rumo, uns para o PSD, outros para o PSB, outros para o PTB, até o naufrágio geral dos partidos, no grande mar da Bahia.

Mas o PL, como família, (amizades prestimosidades, admirações, respeitos) ficou. Era tão família que Eunápio, o bom Eunápio, sabendo-me em situação financeira difícil, por me meter com agricultura e pecuária numa época em que não havia Proterra nem coisa nenhuma, tomando-se dinheiro a juros altos e prazos curtos, mandou Walter Vieira à minha casa com uma promissória em branco, por ele avalisada.

Dessa forma, nesse espírito de família de parlamentaristas ocasionais, eu dizia, logo que Ivan Bichara foi escolhido para Governador, ao meu amigo Olavo Maia.

— Estamos bem situados.

— Ora!

— É o velho PL. A maçonaria! A maçonaria! Eunápio uma vez...

Eu não sabia, contudo, que ia falhar, pela primeira vez na História, o Grande Oriente.

CARTÓRIO E. TORRES

PRAÇA ANTENOR NAVARRO, 15 — TERREO — FONE 4945

JOÃO PESSOA — PARAÍBA

[illegible] Sa[illegible]

Mando esta pro-
missaria para Você
usar e abusar
Sem ao p
Tempo

ITAPUÃ 5

Um dia destes minha filha, estudando para o Vestibular, informou:

— Papai, o senhor sabe a média de vida do brasileiro?

— Não, querida.

— Quarenta e três anos. Que acha?

— Pelo menos eu já estou morto.

Mas, pensando bem, eu não estou tão defunto assim, e a idade me dá a experiência para enfocar (enfocar uma ova, isso é linguagem de economista!), para falar sobre os homens e as coisas da nossa terra.

Lembro-me ainda que, passadas as águas por debaixo da ponte, as muitas águas que haveriam de passar, morando Ivan Bichara no Rio e vindo à terra natal duas ou três vezes em vinte anos, uma das primeiras visitas que recebia era a minha. Dizia à mulher:

— Mas Ivan chegou desde ontem e ainda não fui visitá-lo.

De uma dessas vezes, não fui só visitá-lo, como, contrariando meu hábito de não sair à noite, prestigiá-lo, como se diz, no lançamento do seu livro O Romance de José Lins

do Rego, editado pela União. Havia, entre amigos do ensaísta, o temor de não ir ninguém. Ivan estava no olvido e a coisa poderia ser um fracasso.

— Mas há Zé Lins nisso, gente.

— Ora, mas Zé Lins vale por ele, o público quer é ler Banguê e Fogo Morto.

Alguém chegou com a notícia salvadora:

— José Américo vai e fará um discurso, isso atraírá.

Mesmo que não fizesse oração nenhuma, o Ministro por si representava um auditório. Eu mesmo, como escritor, sinto-me orgulhoso só porque, no lançamento dos meus livros, ele manda Lurdinha, sua secretária. Mas deu tudo certo. Ivan limitou-se a umas poucas palavras, e o autor famoso de A BAGACEIRA iluminou o ambiente com as suas frases. Falou pouco sobre Ivan, preferindo estender-se sobre José Lins do Rego, o gênio criador de MENINO DE ENGENHO e MOLEQUE RICARDO, Itapuá, Vitorino Carneiro da Cunha, tudo de importante sobre o homem do Ciclo da Cana de Açúcar. E outras referências iluminaram o velho José Américo, que, como sempre inspirado, deu aquele show que sempre dá.

E salvou o sobrinho afim de um fiasco, emprestando à noite literária sucesso inesquecível.

— Agradeço o seu comparecimento — dizia Ivan comovido às vinte e poucas pessoas que haviam, em relação a ele, feito o sacrifício. Duas dezenas e meia, melhor conta do talvez, dos que felicitavam José Américo de Almeida.

— Impressionante o seu discurso, Ministro, que beleza!

Escribas da terra se espichavam.

— Não sei, Ministro, como, sem um apontamento, um roteiro escrito, é possível, e de tão bonita forma, tanta substância.

Cheguei à minha casa, depois do lançamento, já perto da meia-noite.

— Foi bom? —— perguntou a mulher.

Ótimo.

Senti-me orgulhoso do meu amigo Ivan Bichara Sobreira. Ivan dos meus laços especiais de estima, que nunca me decepcionara e que jamais me decepcionaria, valendo todos os sacrifícios que eu por ele fizera na eleição de 1954, quando sufragara seu nome para deputado federal. Havia, naquele pleito, "mais candidato do que bosta em chiqueiro de cabra", na rude mas verdadeira expressão do deputado Ageu de Castro. Mas minha cédula fora, e não podia deixar de ser, na cabine indevassável de eleitor consciente, em favor do futuro ensaísta sobre José Lins do Rego.

E do lançamento eu trazia uma relíquia afetiva,

a dedicatória aposta no exemplar:

Ao meu colega José Urquiza, romancista do sertão e amigo do peito.

Ivan Bichara Sobreira

Ao meu colega
José Antonio Marquiza,
romancista do sen-
tido e amigo do
peito

Jean Bichara Sal

14-3-71

MÚSICA E SOL

6

Achava-se o dr. Ivan Bichara Sobreira no seu pacífico sossego da rua Nossa Senhora de Copacabana, no Rio, quando foi chamado a governar.

Aposentado como **procurador autárquico**, fora deputado estadual e federal, — elegendo-se com grande dificuldade e não se reelegendo com a maior facilidade, — e **diretor** da Caixa Econômica. Estava tão esquecido da Paraíba e a Paraíba tão olvidada dele, que o historiador Deusdedith Leitão, no Almanaque da Paraíba de 73, diz apenas que ele nasceu em Cajazeiras e foi deputado federal. Não lhe arrolou os demais cargos, embora hoje deva sabe-los, para oportuna ampliação biográfica, já que é Sub-Chefe da Casa Civil.

Gilberto Amado, num de seus livros de memórias, fala que, morando em algum lugar da grande metrópole carioca, madrugava só para ir gozar o nascer na grande praia. Para o memorialista, a aurora copacabanense, só ela, é um poema na paisagem do Rio de Janeiro. Era nesse ambiente assim que o atual Governador Ivan Bichara crepusculava.

Chegar ao chamado ócio com dignidade dos latinos, em Copacabana, já é um grande prêmio. Ali os 18 do Forte

inscreveram a sua página de heroísimo, como sinal de protesto por uma Pátria que, para eles, estava diminuída e ultrajada. Por outro lado, são cantadas e decantadas na crônica e na música, as fascinações da bela praia. É um grande prêmio — repito — encerrar uma carreira nessa múltipla e fascinante Copacabana, levando-se sobretudo em conta que Ivan Bichara fora politicamente um homem de atuação apenas intermitente, sem o ciclo completo na vida pública de um José Américo, um Rui Carneiro, um Ernani Sátyro, um João Agripino e outros. Homens de gestão continuada, pulando da Câmara para o Senado, deste para Ministérios e sempre engrandecendo o Estado.

Para ele, na verdade sem essas dimensões, muito que valera o viver. O Destino, contudo, trabalha sem dar o serviço, e sem que ele esperasse, sequer admitisse, veio a sua escolha para gerir os nossos interesses públicos. E em forma de presente, como diz Sebastião Nery, no seu livro "13 Derrotas que Abalaram o Brasil". É que, quando Ernani Sátyro lhe telefonou de Brasília, fazendo a comunicação, ele completava anos. A pequena vela do bolo de aniversário lhe passou a tremular como se já fosse a bandeira do Nego, símbolo de nossas tradições republicanas.

"Parabéns prá você
Nesta data querida
Muitas felicidades
Muitos anos de vida"

Enquanto os convivas conversavam, ele devia pensar. Voltar à Paraíba, e logo para governar, ia, com certeza, trazer-lhe dificuldades. Já não conhecia ninguém, ninguém o conhecia. A cidade de João Pessoa, segundo os cartões postais que recebia, mandados por parentes, estava profundamente transformada. Os últimos prefeitos, Damásio Franca e Dorgival Terceiro Neto, haviam feito da nossa Capital um verdadeiro mimo: viadutos, elevados outros, novas vias de acesso. E concluiu que o seu regresso era uma autêntica peregrinação em busca do tempo perdido. Ele que tanto falara em tempo perdido no seu livro.

"Parabéns prá você
Nesta data querida
Muitas felicidades
Muitos anos de vida".

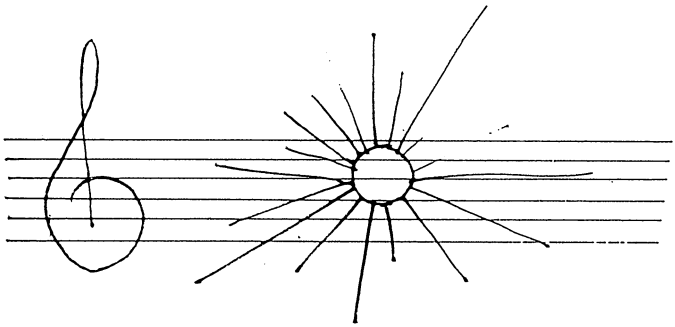
Em último caso há cicerones, concluía.

A música saía do apartamento e tomava a rua, o vento levava-a à praia e a festinha familiar fazia com que o aniversariante, à emoção do acontecimento, ficasse absorto. E permaneceu assim, mesmo desfeita a reunião, por muito tempo. Repassava nomes, fatos, coisas. E tudo lhe voltava como emergindo de uma névoa, tudo lhe vinha esmaecido pela cinza do tempo. E deve ter ponderado que, em forma de presente, a Governança era, em primeiro lugar, um toque ou um aviso para que ele se advertisse de como devia voltar. Governar depois de duas dezenas e tanto de anos separado da vida pública bem que tinha os seus riscos. São muitos os exemplos de insucessos dos arquivados que tornam à atividade. O arquivado em geral traz frustrações, recalques, e volta como soca de cana, sem o viço e o vigor da primeira folha. Mas o aniversariante pensou sem dúvida nos recursos da adubação e se encheu de confiança. Lembrou-se dos canaviais de Renato Ribeiro Coutinho, dr. Flávio, dona Maria Menina de Itapuá. Canas da usina Monte Alegre, de velhos banguês de fumaça preta. Faria tudo para voltar com esse viço. A Paraíba tinha um grande passado, tivera grandes dirigentes, inclusive mesmo os dois últimos, Agripino e Ernani, e não seria ele quem iria comprometer esta tradição.

Sentado na sua confortável cadeira, a sala vazia, Ivan não pregou olhos. Se quisesse, teria auferido aquilo que para Gilberto Amado era espetáculo de encher a vista: o amanhecer em Copacabana. "A hora amanhecente", melhor dizendo, na primorosa e poética linguagem do escritor sergipano.

Não atento para a poesia, ele deve ter pensado muito, mas esperado o sol no apartamento mesmo.

Os raios que entravam por onde a música saíra.



7

OS COLIBRIS

Poderia deter-me, demoradamente até, se quisesse, na eleição de Ivan Bichara Sobreira. Mas acho que seria perder tempo. Todo mundo sabe eleição indireta como corre certinha, de resultado absolutamente previsível. A única dificuldade é conseguir flores para a Mesa da Assembléia. É concorrer com os defuntos do dia.

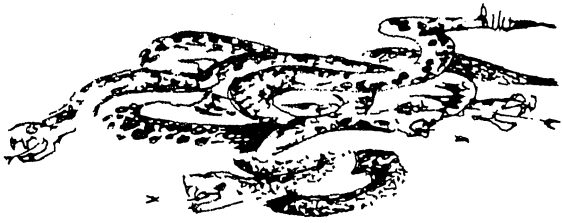
As dezenove horas, ao chegar à minha casa, encontro o aviso :

— O Governador Ernani Sátyro manda chamá-lo.

Jantei às pressas e segui para a granja Santana, a residência oficial do Governador do Estado. É este um lugar de répteis, incrivelmente povoado de jararacussus, corais e até cascavel. E, por minha experiência de sertanejo do campo, a hora era de picada mortal. A luz da Saelpa sempre em quarto-minguante fazia com que eu entrasse com cautela, olhando para o chão, sempre receioso. Logo na guarita perguntei ao soldado Primo.

— Alguma cobrinha hoje ?

— Cobra aqui acabou, doutor. Faz três dias que não se mata uma. Minto. Matou-se uma ontem...



A propósito, aliás, dessa gleba assim infestada de cobras, não sei por que, Governador João Agripino a adquiriu. Inclinada para o paul, sem ventilação, prenhe de muriçocas, sem vista para o mar, como é o resto do casario naquelas adjacências, por sinal onde moro, só encontro justificativa para João Agripino comprá-la lembrando as palavras de Argemiro de Figueiredo, o grande Argemiro, quando disse, certa vez, que João se alimentava de sopa de cabeça de cascavel. Não estou dizendo nada, Argemiro foi quem disse em Campina Grande. Não sei o mês nem o ano, sei que já foi neste século. Dessa forma, quando encontrei o meu amigo Adalberto Soares eufórico por ter passado o imóvel ao Estado, pensei com meus botões: "Agora é que Agripino vai se danar". É caldo de cascavel à vontade, Coral à Chateaubriand, Jararaca à Milaneza... Podia até imaginar Aloísio Campos à mesa:

— João, que prato é esse?...

— Você quer saber o prato ou a comida ?

— É que eu estou me lembrando que Argemiro...

— Argemiro não tem paladar. Coma tranquilo. Por isso é que você perde as suas campanhas, Aloísio. Confunde Governador com cozinheiro. Fui lá eu que fiz comida!

— Então passe aí aquele vinho francês. Esse daí não, o outro.

E, ao ver o carro de Aloísio passar na direção do Ligeiro, um dos soldados da guarita lamentar:

— Coitado do dr. Aloísio Campos. Um homem tão bom, nasceu para entrar em gelada política. Vai ali com a barriga cheia de cobra sem saber!

Bom.

Chegando a Ernani, ele me chamou ao Gabinete e disse:

— Você vai fazer um trabalho agora da maior importância para mim. Grande amigo de Dorgival que você é, vai procurá-lo e dizer-lhe da conveniência dele aceitar a Vice-Governança. O cargo lhe foi destinado e ele o recusa. Já há, contudo, muita gente rondando a Vice-Governança, e não podemos perder tempo. Procure convencê-lo. Use de todos os argumentos e me traga o resultado ainda hoje. Só em última hipótese, lhe diga ser meu emissário, procurando conduzir o assunto como se fosse da sua iniciativa. Se eu estiver dormindo, me acorde.

Saí então para a casa de Dorgival. E sabia com quem ia tratar, com um homem difícil. Incorruptível, generoso, inteligente, mas com complicações. Quando ele não entende bem a proposta do outorgante, a coisa pode dar em escândalo.

Era conhecida a história do peru.

Ele era Diretor da Carteira Agricola do BEP quando um agricultor o procurou.

— Doutor, até que trouxe esse presentinho para o senhor... Estamos nas festas. Agora, queria o dinheiro do meu empréstimo ainda hoje!

Dorgival Terceiro Neto fitou o homem.

— O senhor já ouviu falar em suborno?

— Num mora perto deu não senhor. Acho que é lá prá Água Fria.

— De marmelada...

— Se dona Marmelada morava lá perto de nós já se mudou, doutor.

O peru olhava os dois, não entendia nada. E fez cocô pela última vez na vida, já em cima do birou do Diretor. Dorgival, pegando-o pela asa, jogou-o do segundo andar em baixo, na direção da loja de bicicletas de Inácio Vinagre.

— Venha buscar o dinheiro noutro dia, mas sem presente!

Se é verdade que peru também tem horóscopo, aquele, em plenos festejos natalinos, sabia da sua morte iminente. Estava longe, sem dúvida, era de saber que seria de forma tão violenta: de acidente e na Carteira Agrícola do Banco do Estado da Paraíba.

Eu sabia das dificuldades a enfrentar. Um homem desses rompantes, de altos e baixos, ao sabor do seu temperamento um tanto selvagem. Mas da sua grandeza também. Eu mesmo já a experimentara. É que mutuário igualmente dos maus créditos agrícolas daquele tempo, de que resultara a carta de Eunápio, estava praticamente na insolvência. Não tendo para o que apelar, já me encontrava acuado, rendido ao desastre. Os dias eram então uma agonia e à noite, o sono não chegava. Era o ouvir permanente da afinação dos galos de Miramar. Uma tarde chega-me Dorge, de termo preto, ar grave. Fechei-lhe a cara.

— Você vem me executar !

— Nunca. Se tivesse o dinheiro, saiba, lhe emprestaria. Mas há uma solução, pois se defendo o Banco, defendo também os clientes. Me dá a escritura da casa, vamos fazer uma hipoteca. Ela cobre a dívida, dou-lhe um prazo longo.

— Dorge, pode te comprometer...

— Se comprometesse eu não faria, e vamos logo, vamos fazer isso agora. Estive lá na desgraçada da granja, vi a terra, as benfeitorias, o gado. Se você vender tudo, não dá para pagar o que deve. Não sobra nem um garrote cagado que está lá morrendo de fome. Me dá a escritura!

Salvei a minha casa, que ia fatalmente para a hasta pública (Doloroso, o jardim da gente, o nosso muro, o nosso quarto de vista para o mar, irem em três marteladas!). Reabilitei-me e o Banco fez um grande negócio, pois, só de juros, paguei uma fortuna.

Ao chegar à casa de Dorgival, ele estava com dois ou três amigos e de cara feia: o caso da governança o indispusera. Não que quisesse ser Governador, mas apenas uma satisfação.

— Dorge, pede licença aí, entra aqui no carro, é negócio importante.

Ele entrou e saímos a rodar. Perguntei-lhe:

— Como é, aceita?

— Aceita o que? Plantar batata em Taperoá?

— Não, rapaz. A Vice-Governança...

— É pior.

— Deixe de brincadeira.

Dei quase o serviço todo e o homem irredutível. Fomos a Tambaú, voltamos, e ele não cedia. Já a uma hora da manhã, pediu-me.

— Me deixa em casa, estou com sono.

— Não o largarei antes da sua anuência.

— Dou não.

— Dá.

— Não dou.

— Dá.

— Não há homem que me obrigue.

— Há.

— Não há, nem santo!

Calei-me e o deixei à porta de casa. Ele desceu, deu boa noite. Aí então parei o motor do carro, desci também e o peguei pelo braço:

— Olhe, ali dentro do carro estava um emissário do Governador. Aqui, um amigo. Deixe de ser besta, rogado, não dê coice na sua estrela! Quero o sim, não sou vigário para estar esperando que nenhum noivo de moça feia responda.

Usei argumentos incisivos, como o do valor, afinal, do cargo, currículo, perspectivas...

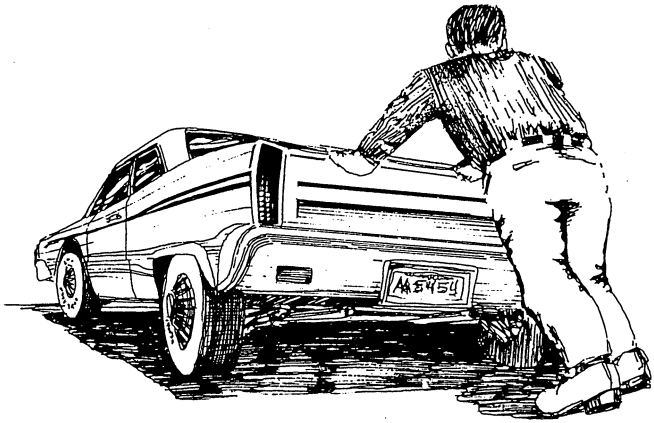
— Zé, ali dentro do carro você disse que estava um emissário do Governador. Estava também um sujeito que não entende essa história de política, mas aqui estão dois amigos. Você acha mesmo que...

— Já achei há muito tempo!

O sim caiu na calçada, mole, gostoso:

— Sim.

Abracei-o, desejei-lhe felicidades. Mas cadê o carro de novo? Quase comia o motor de partida, bateria e



tudo.

Terminou Dorgival empurrando-o e fazendo à mesma força que eu fizera. Quando o motor voltou a funcionar, e observou:

— Deu um trabalho danado a pegar hem ?

— Você deu muito mais, seu besta de seu Vice!

Àquelas horas, achei que não devia acordar Ernani. Cedinho, estaria na granja.

Ao chegar, minha família já dormia, e a boa Severina, que cuida de nós, indagou:

— Por que foi que demorou tanto?

E como ela quer muito bem a Dorgival, dei o furo.

— Dorgival é o Vice-Governador... Está todo mundo dormindo, não é ?

— É. Esperaram, esperaram... Mas Viva !

— Então me traz aí um uisquezinho...

Tomei uma dose forte e refleti sobre a minha felicidade paraibana: ver dois amigos reunidos numa chapa, Ivan e Dorgival, podendo-se mesmo inverter sem dar diferença.

Pensei até em passarinho ternuirrosto. Em colibri beijando uma hortênsia e enfiando o bico numa folha de lótus para beber o orvalho. Dando a marcha-à-ré dos beija-flores, voando pelo azul, até romper a barreira de som dos colibris. Lembrei-me de harém, de acordes de Tchaikovsk, de Platero, só de coisas maravilhosas.

Já dormindo, sonhei com os dois que iam governar a Paraíba. No sonho, eles eram crianças, subiam numa mangueira e eu achava aquilo lindo. Na velha e sofrida cabeça, inclinada sobre o travesseiro, devia-se ver um sorriso.

Só não pude saber se a mangueira era espada ou rosa.

O sonho não me contou.

NEPOTISMO 8

Instalado o Governo, em menos de oitos dias via-se que o eminente Governador Ivan Bichara Sobreira hasteava, para alegre tremulação, no Centro Administrativo, a bandeira do nepotismo.

É deselegante estar citando nomes e dando o total de pessoas. Além de deselegante, exaustivo. Parentes e parentes entravam no serviço público, em muitos casos preterindo pessoas de grande capacitação e tradicionais colaboradores da administração estadual.

Quase toda a mão de obra na gestão Bichara devia ter a marca familiar.

Devo frisar que os parentes do Governador, isoladamente, merecem os cargos que ocupam. Em grupo, não. Um na Prefeitura, outro no Banco do Estado, outro na Saelpa, outro na Sub-Secretaria de Saúde, outro no Comando da Polícia, outro no Café São Braz, não!

A opinião pública arrepiava-se. Nunca se vira isso no Estado, desde a Capitania. Aposto mesmo com quem quiser, o que quiser, se não é essa a verdade, a triste verdade de uma oligarquia que parece querer transplantar toda a árvore

genealógica, das raizes até os galhos mais bastos, com seus ninhos e frutos, para o Estado.

Eu exercia, como todo mundo sabe, talvez a Chefia mais importante do Serviço Público Federal e sabia que o Governador, não obstante os nossos laços de amizade, grande porque vindo de baixo, selada em luta, não me queria. E não me desejava porque, dando expansão à sua política familial, e tendo na Repartição um cunhado, seria, o meu afastamento, fatal imposição.

Indo ao Rio, Ernani me prevenia:

— O seu caso não tem solução. Voce não conta com o Governador, a Bancada, e já era!

Ernani não sabia que eu estivera com meus superiores e eles próprios, já informados do nepotismo, não queriam de forma nenhuma atrelar a Instituição a esse Trem da Alegria. Ela tinha grande conceito, grandes responsabilidades e ainda que eu quisesse sair, pois já solicitara exoneração duas vezes, pelo desejo de voltar à cátedra na Universidade e à advocacia, pedidos esses recusados, com apelo para não descontinuar a administração, era ficar até a escolha de um nome da confiança do Presidente.

Informei de tudo a Ernani e embora ele não me dissesse, voltei do Lèblon sabendo que ele já andara brigando com os deputados federais, chegando mesmo a dizer a Wilson Braga que se ele desse um passo contra mim, estaria apunhalando-o pelas costas. E ao Governador, fizera veemente apelo para minha permanência. E não tomava atitude ostensiva porque pensava estar minha canoa tomando água em relação aos meus Chefes.

Ele é dos raros a acreditar na Cagepa.

A Repartição não queria o Trem, dela eu recebia ordens de me manter firme, e a ajuda de Ernani concorreria de certo modo para que se chegasse a uma fórmula. Um grande nome que, servidor da Casa, podesse honrar uma substituição. Isso, é claro, não em relação a mim, mas em relação a ela, indene no seu conceito e na sua grandeza.

Comportava-me como se quisesse continuar, até.

Deve ficar dito que os políticos em geral têm uma falsa idéia do que seja o provimento da Comissão que eu exercia na Repartição. Pensam que essa Comissão, federal, como todo mundo sabe, está ou deve estar atrelada ao Governo do Estado. É um juizo completamente errado, pois o próprio

vulto da Instituição, responsável pela política social do Governo e com uma administração técnica, não pode, sem o comprometimento de seus mais altos desideratos, ficar à mercê dos Governos Estaduais. Envergonhava-me, nas reuniões de cúpula, com colegas de outros Estados, quando lhes dizia talvez não estar presente à próxima reunião. "Por que?" Explicava-lhes que eu estava a enfrentar imensa luta, o Governador do Estado e a Bancada Federal querendo afastar-me. "Ué!, dizia o chefe da Repartição em Minas Gerais. E lá tem isso? O que é que temos nós da Previdência Social com política estadual?" Outro adiantava já ter ultrapassado três governos sem a menor iniciativa destes em exorbitar de sua alçada para essa intromissão indébita no Serviço Público Federal.

Entre nós, infelizmente, a coisa é de tal forma exagerada, que quando os jornais sugeriam nomes para compor o Secretariado do Governo, incluíam a Repartição a que sirvo. Nas conversas era fatal reservarem a alta comissão para este ou aquele político, ignorando até que uma das condições para dirigi-la é ser do seu quadro. Nenhum estranho ao funcionalismo pode ter assento à velha cadeira giratória do oitavo andar.

Aqui chegando, encontrei o cunhado do Governador enfronhado para me substituir. Ele próprio, na sua deselegância, informava já ter seu currículo seguido para exame, à solicitação do Dr. Ivan, com apoio da Bancada Federal.

Bacharel em Direito, bilingue, violonista, tendo tocado mesmo, na mocidade, no Rio, com o célebre Jacob do Bandolim, inteligente, preparado, a referência que o Governador faz a seu respeito, contudo, é a de que é um poeta .Como ele não faz versos e nunca os fez, o qualificativo governamental o retrata muito mal

E é um pessimista profissional. Acha que tudo vai mal no mundo. Para ele Matarazzo vai empobrecer antes de 80, a civilização ocidental está no fim, e que a Paraíba, com apenas 16% de aumento no ICM, contra 76 do Rio Grande do Norte, não emplaca o ano 2.000. Concordo que o demonstrativo do imposto, considerada a inflação, põe o nosso Estado em situação dificílima. Sendo essa inflação da ordem de 30%, temos, como se vê, um deficit de 14%. Mas, para o que é que existe Fundo Perdido ? Não precisa tanto cassandrismo, pintar o horizonte com cores mais negras do que as negras cores com que ele se apresenta!

Disse-lhe :

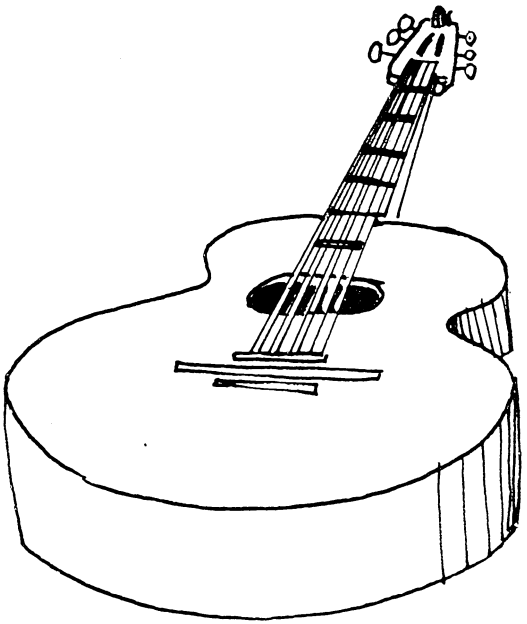
— Olhe, se você tem pretensões à Chefia, é bom que vá com calma. Poderei conversar com o Governador, tudo resolvido com interesse público e a preservação do nosso bom relacionamento.—Prevenia-o, assim para ele não sofrer o veto que eu já sabia preparado para o seu nome. Vamos devagar que a chuva é grossa.

Ainda assim ele não se continha. Revelava-se prepotente e achava que ser cunhado de Governador de Estado é mais do que Grão Mestre, Governador do Rotary, Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e assim por diante. Fazia convites para chefias, destinava logo o seu motorista e escolhia a viatura. Não o utilitário em que eu andava, para evitar ostentação, mas o carro de luxo, para e só assim, emposar-se condignamente. Mas isso, escusado dizer, começava a gerar, na Repartição, um clima de anarquia e quebra hierárquica. Eu mandava fazer uma coisa ele tentava desfazer, sempre aludindo à condição de futuro Chefe.

Não vou discutir as restrições feitas no alto ao seu nome, acredito mesmo que simplesmente o fato de ser poeta, no sentido emprestado pelo Governador. Não ter os pés no chão, faltar exageradamente à Repartição e, nos raros dias de comparecimento, sem amor nenhum ao trabalho.

Um modus vivendi muito peculiar.

Com isso as coisas se agravavam e ondas de boatos varriam a Repartição. O apetite se exagerava mas eu sempre com a palavra de respeito à minha pessoa, pelos superiores, que tinham nossa administração, modéstia à parte, na conta das melhores do País. Mas afinal toda a cidade é testemunha dos meus horários estravagantes. Chegava para o trabalho às seis e meia, almoçava em quarenta minutos e voltava correndo para um labor que antes de tudo me entusiasmava. Só servindo-se à Chefia da Instituição pode-se ver como é empolgante a missão de condutor da Previdência. Há qualquer coisa de apostolar, nessa missão.



PONTO DE PASSAGEM 9

Na Repartição, para o serviço andar melhor, meu Gabinete era aberto ao público e eu fazia de tudo. Até telefonista era. Considerava isso de grande valia para a dinamização do trabalho. Ninguém nunca ficou ali sentado, do lado de fora, à minha espera. A objetividades das ações era o que prevalecia.

Uma tarde o telefone chamou.

— Fiz um ponto de passagem para você, ontem. Ou sai do cargo ou morre.

Para quem não está no ramo, convém explicar esse lírico nome ponto de passagem. Significa encomendar, na macumba pesada, de galinha preta e sapos cururus enterrados vivos, um serviço pelo qual alguém, ou faz a vontade de outrem, ou morre. Deixa a inflação, — que passa a ser deliciosa, a gasolina cara, — e parte.

— Ponto de passagem?

— Ponto de passagem sim. Não se exonere para ver uma coisa. O seu foi feito com Seu Félix, em Marés. Nunca fez ponto para o cara com uma semana não estar liquidado.

— Acredito nisso não, seu filho de uma miss Brasil!

— Melhor que não acredite. Ajuda...

Não gosto de discutir essas coisas do Além. Prefiro ficar com Guimarães Rosa, para quem bastava "essa outra vida de aquém túmulo". Não votaria nem em Alan Kardec, nosso suplente de deputado federal. Enfada-me, o mistério.

Eu sabia de onde procediam essas manobras. De amigos do candidato do Governador, que vendo o tempo passar, tudo faziam para me intimidar.

Sim, mas voltemos ao ponto de passagem. Encontrando-me com um amigo no Ponto Cem Réis, homem dessas coisas de macumba, falei-lhe:

— Rapaz, fizeram aí um ponto de passagem contra mim.

— Te vira! O negócio é sério!

— E isso funciona mesmo?

— Ora se funciona! Um tal de Seu Félix, lá em Marés...

O Félix era o meu, lembrem-se.

— Então, já que você entende disso, vamos fazer um contra-fogo.

— E o que é isso?

Expliquei-lhe à boa moda sertaneja, como neutralizar um incêndio no pasto.

— Em espiritismo não tem isso não, o que equivale, pelo que você diz a contra-fogo, é a reencarnação. A passagem é inevitável, depois você se reencarna. Como volta, não sei. Se fez o bem, sofreu muito, pode voltar até como vereador. Agora, se foi mau, avarento, político safado, aí a coisa é para voltar no mínimo como aleijado, pedindo esmola na rua. E vê lá que Padre Zé já morreu, hem?

Via-me morto, Enoque Pelágio, meu grande amigo Enoque, pedindo um voto de pesar na Câmara Municipal José Octávio de Arruda Mello, com o seu veneno, fazendo generoso necrológio: "Era tão bom que em casa quem mandava era a mulher!" E Otinaldo Lourenço registrando o óbito num cantinho de Antena Política: "É furo! A morte de Urquiza não teve relação nenhuma com pressão arterial, foi pressão política. No duro!".

Só uma coisa me conformou em relação ao ponto de passagem. Se a média de vida do brasileiro é de 43 anos, na verdade, eu já estava além do Além.

OUTRAS LUTAS 10

Mas não se pense que só se luta, num cargo como o que eu exercia, quando se tem um Governo adversário pela frente, como eu tive.

É que há terceiros também, às vezes, a enfrentar. Toda a Repartição ainda se lembra do famoso caso do Hospital São Vicente, quanto tivemos, eu e o querido amigo Isaias Silva, à época Chefe do Serviço Médico, de enfrentar verdadeira batalha.

Tratava-se de uma sociedade filantrópica em mãos de um grupo, que a usava praticamente como sua, o que era altamente detrimentoso para o convênio com a Repartição! Isaias ainda hoje responde a processos criminais movido pelo grupo, pagando alto tributo pela defeza que fez da Instituição, com aquele seu conhecido temperamento, mas também com o conhecido caráter, firmeza e coragem.

O nosocômio, dos melhores da cidade andava um tanto se desvirtuando nas suas finalidades e tivemos que agir. Tudo esgotamos para uma solução pacífica, mas nenhum resultado foi alcançado. A imprensa, por sua vez, fazendo a maior onda possível. Um dia Ernani me

chamou:

— Estou com vontade de acabar com essa briga. A população está se prejudicando.

— Mas como?

— Deixe comigo.

Mobilizou seus juristas, à frente José Mário Porto e praticou, em cinco minutos, uma intervenção que ficou na história pelo fundamento legal e poder de decisão.

Lembro-me que, após a normalização de tudo, ele me convidou a fazer uma visita ao hospital. já entregue ao Estado.

— Quer ver como eu tenho memória?

E foi, por corredores e corredores, "em cima" do quarto onde nascera seu filho Bertholdo, há trinta anos atrás.

Vi-o enternecido, sempre aludindo à dona Antonieta o ao filho varão que lhe viera.

Era Ernani, também ele, em busca do tempo perdido.

O CONSUL II

Quando eu queria informar-me sobre a marcha dos acontecimentos, procurava Raimundo Onofre, o Consul do nosso querido Senador Ruy Carneiro.

Meu colega de turma e amigo, basta dizer que fui um dos seus padrinhos de casamento. Hoje, quando vejo seus filhos casados, suas filhas com seus filhos, — e graças a Deus famílias todas milionarias de felicidade, — digo a frase besta de todo mundo: "Mas como o tempo passa, meu Deus! Parece que foi ontem, lá em Alagoa Grande, naquela tarde... E me lembro de Climene, a marcha nupcial tocando, o padre Onofre, tio dele, celebrante... (Cronica Social não !)

Telefonava-lhe :

— Consul, como vai a coisa ?

— Vai bem, o compadre Ruy...

— Não, rapaz. Eu sei que para doutor Ruy não deixa de ir tudo bem. Quero saber é se você sabe alguma coisa em relação aqui ao caso da Repartição.

— Sei. Mas por telefone não. Esta semana, por sinal está dando muita linha cruzada. Peguei muita coisa da política. Não sei é se pegaram as minhas. Passo aí mais tarde.

Se aguarde.

Não levava muito tempo e lá vinha o Consul, cujas informações sempre reputei importantes. O homem conversa com um, com outro, vai às redações, emissoras, enfim, se abebera em várias e múltiplas fontes. Comigo nunca negou um boato, as vezes até antecipa mesmo notícias. Recordo ter feito, sob esse aspecto de reserva, uma brincadeira com ele. É que, à porta da Caixa Econômica, de que ele hoje é excelente Relações Públicas, o Consul conversava com outro Consul, esse de verdade mesmo, o Consul José Noujaim, do Líbano. Não me aproximei. Espalmei a mão para o alto.

— Não me achego não, Raimundo. Aí deve ser coisa muito seria mesmo. Alta diplomacia!

Bem.

Numa dessas vezes Raimundo me informava que eu sairia se quisesse, pois a bancada estava trombuda com o Governador. Não se entendiam, e como a ação devia ser conjunta, lá nos altos escalões...

— Mas essas brigas dão em nada, Raimundo. São arrufos passageiros. Uma pedrinha miuda no caminho. Chutada a pedrinha, eles voltam as boas. Vê lá que a zanga a estas horas já deve estar resolvida.

— Não, não está. A Bancada, que não foi ouvida na composição do Secretariado, anda se queixando de que só Wilson Braga tem vez. Tudo que Wilson pede o Governador atende na perna, enquanto que com os outros... Você vai ver se eles se entendem, nessa questão de sua Repartição. O Governador não transige com o cunhado e eles, sem posição no Estado, vão é conseguir um candidato. Mas enquanto brigam, você vai ficando. — Olhou-me. — Você não quer ficar?

— Não, não quero propriamente ficar. Agora, com substituto ruim... Conheço a Casa, o seu programa, o seu funcionamento e receio que haja uma má escolha. — E agora eu era quem olhava para ele: — E o que é que dizem de mim?

— Dizem que você ainda não saiu porque além de contar com prestígio lá em cima, Ernani faz uma perna. Soube até que ele telefonou para o Presidente da Repartição. Ele lhe disse?

— Disse. Telefonou.

— Não gosto de tratar dos casos em que Ernani é envolvido porque ele se zanga. Banca a Bancada. Ele não vai decidir nada, é claro, mas ajuda a não avançarem com maior rapidez. Fala com um, com outro, abranda um aqui, abranda

outro acolá, não é? Faz uma perna, como se diz, uma perna!

— *Quando* ele era Governador te dava muito trabalho?

— Não. Eu era quem dava a ele.

— Não se lembra do caso do Hospital São Vicente? Entrou na luta em favor da Repartição. Só atuava mesmo no campo do interesse público.

— Só é chato porque dizem que foi ele que te botou, e que não é nada o Governador botar o cunhado...

Procurei repouso mental para responder ao ponto nevrálgico da novela. Volví-me para Alagoa Grande, na distante tarde do nupcial de meu amigo. A paz do templo, as damas de honor, a noiva marchando lentamente...

— Raimundo, até certo ponto isso é verdade. Mas não foi tanto assim não. Claro que ingressei no Serviço Público pelas mãos de Ernani, para logo depois fazer concurso, e não vejo nisso nada demais. Fizera política com ele, elegera-me vereador, e separado dele, para seguir José Américo na briga com Argemiro, não interrompí minha carreira, minha miuca carreira. Fui Promotor Público de minha cidade, advogado em toda a região sertaneja até que... (E o nupcial de Alagoa Grande passou para a Igreja Velha em Patos. O mesmo cenário de flores e música) casei com uma sobrinha dele. Eu continuava a minha vida até que um dia ele bate á minha porta com uma história bastante pitoresca:

— Eu fiz um acordo com Chico Seráfico, nas últimas eleições. Obriguei-me a lhe dar mil votos para deputado estadual e ele me dar outros mil para deputado federal. Distribuí chapa à vontade, mas voce sabe como é Patos, só sairam novecentos e tantos votos para ele. Por sua vez ele me deu, lá em Santa Luzia, que é mais fácil de controlar, mil e dois. Não se reelegendo, ele me culpa, embora para isso ainda precisasse de mais votos. Cosseguí um emprego federal para ele. De formas que vim do Rio para resolver esse problema, trazendo uma portaria de nomeação de procurador do IAPC para ele. Mas o cargo é em Maceió, ele não aceita. E somente la pude conseguir.

(— Em Maceió não aceito.

— Mas Chico! Você vai, assume, e vou tratar de uma remoção quanto antes.

— Não vou lá nem um dia. Mesmo ando doente ...)

— De maneira que estou com esta Portaria. Quando fui pedir o lugar a Café Filho ele me disse: "Peça-me uma estrada no Amazonas, Ernani, é muito mais fácil do que um lugar desse de procurador." Mas terminou dando o lugar, e Chico não querendo não vou abrir mão que não sou besta Não tenho nenhum amigo assim em condições pergunto se

você quer. Se você quiser volto ao Rio e lá é só trocar os nomes. Sou amigo de Olavo de Oliveira e isso é operação para cinco minutos. Arraigado aos pais, à terra, ainda fiquei por uns dias na maior dúvida. Ir ou não ir. Continuar a advocacia de sertão, com suas precariedades ou já dar à família que constituía um futuro mais garantido. Entre lágrimas dos familiares, decidí-me e partí para a praia da Pajuçara. Só tenho motivo para ser grato a Ernani. Ao invez de envergonhar-me das ajudas que recebo, orgulho-me de ser grato a quem me auxilia. Mas em tudo entra muito o chamado destino. Nesse episódio bastariam os votos a mais para Chico Seráfico... Ernani sabe que foi assim, que não lhe pedí.

Raimundo ouvia a história com paciencia:

— Mas e o caso da Chefia?

— Aí também faltou voto. Dando-se a vacância do Cargo, note bem, a vacância, com a saída de Amir, por motivos que não me cumpre apreciar, por ser seu amigo, Fernando Milanez, nosso Fernando, receioso de que viesse para a Chefia um nome que estava sendo cogitado, inteiramente incompatibilizado com a Procuradoria, fez um movimento em torno de mim. Tenho todos os meus colegas procuradores como testemunhas. Eu não queria o Cargo e resistí até onde pude. Fernando mobilizou a imprensa e os jornais desencadearam verdadeira campanha em meu abono. Até bonitos retratos de seu criado O Norte, por exemplo, publicou. É fácil consultar os arquivos. Ernani, lá no seu canto, calado. Depois de quase um mês, embora estivessemos juntos quase sempre, ele me perguntou se eu me interessava pela Chefia. Expliquei-lhe a minha relutancia junto aos amigos mas que eles não se conformava. Então vou na jogada. Telefonou para Fernando Nóbrega, grande amigo do então Ministro Júlio Barata, para ir preparando o terreno e logo depois usava do telefone para falar ao próprio Barata. E se foram alguns meses de expectativa enquanto procediam a pesquisa em torno de minha pessoa. Felizmente as buscas aprovaram-me como idôneo. Não sei hoje, mas naquele tempo, positivo! E veio a nomeação. Fica claro assim que nunca pedi a Ernani coisa nenhuma. Os fatos aconteceram. A memória quer mentir, não deixo: pedi. Pedi o Cargo quando, após a unificação, sacrificado financeiramente com aquela granja que eu tinha, a melhoria de salário viria me aliviar. O Cargo era nascente, minha dificuldade grande e ele, lider do Governo, me faria Chefe tranquilamente. Agripino era o Governador mas nesse tempo eles eram uma alma só. O que um queria o outro desejava. Sabe o que aconteceu? Ele negou! Disse que precisava de bases eleitorais e já tinha pensado num nome:

Amir Gaudêncio! Só Deus sabe o meu desapontamento. Eu teria, com a majoração de ordenado, salvo a granja. Compensou-me: arranjou o lugar de auxiliar de ensino, na Universidade, mas aí vem a tal coisa de destino também. Como o lugar dependia de Antônio Pereira, meu querido Antonio Pereira, que, titular, não tinha auxiliar, a coisa foi via Teotônio Neto. Ele, Ernani, falou com Teotônio, que era quem tinha prestígio para Pereira e o lugar foi conseguido, com tudo concordando o Reitor Guilhardo Martins. Mas dias depois, encontrando-se comigo, Teotônio, em quem venho votando em sinal de gratidão, explicou-me:

— Olha, aquele lugarzinho eu não dei por pedido de Ernani não, hem? Foi em consideração à sua prima, casada com meu tio e também em atenção a seu sogro. Quero dizer, Raimundo, finalmente, que em tudo na minha vida tem faltado a votação de Chiquinho Seráfico. E vou indo, sem saber o que me acontecerá amanhã. Entendido? O Governador teria o direito, havendo vacância, de indicar o cunhado, deixando de ter, mesmo que essa vacância se der, porque a Repartição não quer formar na linha de frente do nepotismo, você compreendeu? Tenho lá culpa dela não querer? E não se faz essas coisas na marra!

— Ah!... Bonita história! Tudo explicado. E me vou. Agora, previno-o de uma coisa: cuidado com linha cruzada. Vou dizer: esta semana mesmo eu peguei uma conversa sua! Vou provar. Voce estava telefonando para José Ayres dizendo que não soltasse nada para Walter Vieira, que o ódio que ele tinha a Ernani transformou-se em amor por Ivan. Foi ou não foi?

— Você é um danado, Raimundo.

— Não brinque com linha cruzada aqui em João Pessoa!

12

O CAMELÔ

Minha primeira grande responsabilidade, ao ir para a Chefia, fora substituir Amir Gaudêncio, uma flor de família. Ele deixara um círculo enorme de amizades e eu as atraia para mim a fim de me ajudarem a administrar. Antes, procurara o dicionário e lá vira bem definido o meu cargo: superintendente, a mesma coisa que sobreintendente. Aquele que dirige, supervisiona. E procurei ser fiel ao verbete.

Ao longo de pouco mais de dois anos eu tivera muitas alegrias. A equipe que me servia era de homens competentes, leais e sérios. Com eles experimentei a satisfação de ver a Previdência evoluir de modo impressionante. Mal chegava uma lei, outra já vinha a caminho, marchando-se para a seguridade plena. Via a legislação social sair dos escritórios, das fábricas, para ganhar as cozinhas, as lavadeiras nos rios. o amolador de tesoura que passa na rua. Todos aqueles, enfim, presos a uma atividade de subsistência. Por fim, o advento da lei que ampara os anciãos. E isso para não falar no Funrural, que ia às coivaras, aos fazedores de cerca, aos agricultores, que se incorporavam, assim, à sociedade brasileira. Os pobres exultavam. Iam ao meu Gabinete apresentar

agradecimentos. Certa vez, mesmo, um homenzarrão entrou e começou a decantar nosso programa de assistência social. Tive que pedir que falasse mais baixo.

— É a profissão, doutor. Sou camelô, me acostumei a falar assim. E minha vontade é gritar mesmo, dizer o benefício que estou recebendo. Agora a coisa vai, como dizia dr. Adhemar de Barros, se lembra? Se eu adoecer, tenho onde cair. E quando ficar assim como o senhor, me aposento...

?

Consciente do que realmente era o nosso programa, deixei que o camelô fosse aos seus graves e agudos. Naquela ocasião ele era um intérprete do povo brasileiro, já agora totalmente coberto por aquilo que é a única verdade nacional, na mão dos Nascimento e Silva, dos Reynhold Stephanes, Júlio Barata, Celso Barroso Leite, Jacinto Aben-Athar Neto, Correia Sobrinho e tantos outros.

Mandei servir água e café ao camelô, e ele saiu pelo corredor, ainda gritando:

Era esse patrimônio público que eu recebia ordens de defender.

ÁGUAS DO DANÚBIO

13

Transitando por Patos, eu avistava Alcebíades Parente, o antigo ciclista, com o seu bastão. Lá ia o velhinho, dobrando a Igreja Velha. Ou vindo pela Solon de Lucena. E eu deduzia que a velhice é bem a diferença entre uma moto e um bastão. Angustiado, na luta sem tréguas, vendo o parteiro faltoso ao meu nascimento, pensava: "Deve ter sido até bom para Alcebíades Parente não concorrer, de forma nenhuma para o nascimento de quem só tem feito até hoje lutar! Lutar por tudo nesta vida. Até pelo que não é seu.

É que, mesmo no interior, onde eu ia a inspeções, os telefonemas chegavam:

— Volte quanto antes. A coisa está apertando. Já há um boato dizendo que você não é mais nem o Chefe.

Lembro-me que, em Pombal, durante uma visita a um amigo, de volta encontrei o motorista alarmado:

— Doutor, quando o senhor estava lá dentro conversando sofri uma provocação. Um homem que passou aí na calçada, vendo o letreiro na porta no carro, veio falar comigo.

— Quando é que esse bandido de seu chefe vai sair? Tenho lido nos jornais que compadre Ademar Pereira quer tirá-lo,

e o que o Compadre quiser, eu quero. Já estou cortando as tabocas para soltar duas dúzias de foguetão, quando isso se der.

Numa dessas viagens. parei em Juazeirinho para comprar umas frutas. (Que delícia as frutas do Cariri.) E recordava que, ali mesmo, o atual deputado Octacílio Queiroz, que ia em minha companhia e de minha mulher, em viagem de recreio ao Sertão, interessara-se por um caixão de pinhas, madurinhas, uma beleza de caixão. O oposto a um caixão de defunto. Ora, eu acabava de publicar um livro, Papo da Coruja, e estava endividadíssimo, até à venda do produto. Raciocinei que, pagando as pinhas para Octacílio, este, que por sinal na hora sobraçava um volume da obra, em que eu fazia certa fé, por seu fundo social, bem que poderia entusiasmar-se e escrever um artigo de louvação. Pela categoria intelectual do sociólogo, seria isso altamente promocional, já que o dinheiro de escritor provinciano não dá para publicidade, não dá para nada. Nem para o sal.

— Quanto é as pinhas, dona?

— Deixe, Octacílio, eu pago, é um prazer...

Não foi grande prazer porque a vendedora explorou tanto nas frutas que eu acabei desinteirando o dinheiro da viagem, e em muito.

De volta do interior, oito dias depois, lá vinha o artigo de Octacílio sobre os literatos de Patos, a nossa terra comum, no Jornal do Sertão. Elogiando a todos e liquidando com minha literatura! Os demais tinham todas as condições de escritor e eu não tinha nenhuma.

Investir em pinha do Cariri, vê-se, é péssimo negócio. De minha parte, contudo, jamais houve mágoa, porque considero sagrado esse direito de criticar. O mesmo que uso nestas notas, tranquilo, até porque sociedade nenhuma dispensa os seus cronistas, os seus romancistas de costumes, os seus historiadores.

Mas, voltemos ao curso dos fatos.

A luta fazia esquecer-me até de mim mesmo. A mulher reclamava o meu vestir, sempre a mesma roupa surrada, e o sapato que mais parecia de vaqueiro. E aí veio o pior:

— Como? O que? Não estou ouvindo.

Concluía estar ficando surdo.

Assombrei-me. Em casa, procurando, certa noite, ler alguma coisa, deparei-me com a tragédia que é a surdez, segundo Beethoven. Lá estava, no livro AS GRANDES CARTAS DA HISTÓRIA, de José Paulo Paes dolorosa missiva do gênio da música.

Ao Doutor Franz Gerhard Wegeler

Viena, 29 de junho de 1801.

Meu caro e bom Wegeler, quão grato te sou pela tua lembrança! Bem pouco a mereço e bem pouco faço por merecê-la. Todavia, és tão bom que não te deixas desalentar por nada, nem mesmo pela minha imperdoável negligência; continuas sempre o mesmo fiel, bom, leal amigo. — Que eu possa tê esquecer, vos esquecer, a vós todos que me haveis sido tão queridos e preciosos, não, não o creio! Há momentos em que suspiro por vós, em que desejaria passar algum tempo junto de vós. — Minha pátria, a bela região onde vi a luz do mundo, está sempre tão clara e nìtidamente presente na minha memória como quando vos deixei. Será um dos instantes mais felizes da minha vida aquêle em que vos possa rever e saudar nosso pai o Reno. — Quando isso ocorrerá, não te posso dizer ainda com exatidão. — Pelo menos, quero-vos dizer que me encontrareis maior: não falo do artista, mas também do homem, que vos parecerá melhor, mais realizado; e se o bem-estar não aumentou nem um pouco em nossa pátria, minha arte deve-se consagrar à melhoria da sorte dos pobres.

Queres saber algo da minha situação: pois não vai tão mal assim. Desde o ano passado, Lichnowski, que (por incrível que isso te possa parecer, mesmo quando seja eu a dizê-lo) sempre foi e continua sendo o mais caloroso dos amigos — (ocorreram algumas pequenas desinteligências entre nós, que serviram apenas para reforçar nossa amizade), — Lichnowski concedeu-me uma pensão de 600 florins, de que me posso valer enquanto não encontrar uma situação que me convenha. Minhas composições me rendem bastante e posso dizer que tenho mais encomendas do que as que posso satisfazer. Para cada composição encontro seis, sete editôres, e mais ainda, se quisesse me dar ao trabalho de buscá-los. Não discutem mais comigo: fixo um preço e pagam-no. Pensa em como isso é agradável. Por exemplo, se vejo um amigo necessitado e minha bôlsa não me consente ajudá-lo: não tenho senão que sentar-me à mesa de trabalho e, em pouco tempo, consigo tirá-lo da dificuldade. — Sou tão econômico hoje quanto outrora...

Desgraçadamente, um demônio ciumento, minha má saúde, veio se interpor de inopino. Há já três anos que meu ouvido se torna dia por dia mais fraco. A causa disso deve ter sido

uma afecção do ventre, de que eu já sofria outrora, conforme sabes, mas que piorou muito nestes últimos tempos: sou contìnuamente afligido pela diarréia, à qual se segue extraordinária fraqueza. Frank quis fortificar-me com reconstituintes e tratar-me o ouvido com óleo de amêndoas. Mas *prosit!* Não adiantou nada: o ouvido está sempre pior e o ventre continua no mesmo estado. Isso vem durando desde o último outono, e muitas vêzes senti-me à beira do desespêro. Um asno de um médico aconselhou-me banhos frios; outro, mais avisado, banhos tépidos do Danúbio: êste tratamento operou maravilhas; o ventre melhorou, mas meu ouvido ficou na mesma ou talvez tenha piorado ainda mais. Neste inverno, meu estado era deplorável: sofria cólicas medonhas e tive uma recaída completa. Assim andei até o mês passado, quando fui ver Vering, pois pensava que o meu mal reclamava sobretudo um cirurgião e, de resto, sempre tive confiança nêle. Êle conseguiu cortar quase que completamente a diarréia violenta; prescreveu-me banhos tépidos do Danúbio, nos quais me fazia derramar um frasquinho de licores tonificantes; não me deu nenhum remédio, salvo, há cêrca de quatro dias, umas pílulas para o estômago e uma espécie de chá para as orelhas. Acho-me melhor e mais forte conquanto tenha nos ouvidos, noite e dia, uma ronqueira e um escachoar incessantes. Posso dizer que a vida que levo é uma vida miserável. Já faz dois anos que evito tôda sociedade, pois não posso dizer às pessoas: "Sou surdo." Se tivesse qualquer outro ofício, isso seria ainda possível, mas, no meu ofício, é uma situação terrível. Que diriam disso os meus inimigos, cujo número não é pequeno!

Para te dar uma idéia dessa estranha surdez, digo-te que, no teatro, tenho de sentar-me bem perto da orquestra para compreender os atôres. Não ouço os sons agudos dos instrumentos e das vozes se me coloco um pouco que seja longe dêles. É surpreendente que haja pessoas que não o tenham percebido ainda na conversação. Como sou muito distraído, atribuem tudo à minha distração. Quando falam baixinho, mal consigo ouvir. Sim, ouço bem os sons, mas não as palavras; por outro lado, quando gritam, é-me intolerável. O que irá acontecer, só o Céu o sabe. Vering disse que isso melhorará com certeza, se não sarar de vez. — Muitas vêzes eu maldisse minha existência e o Criador. Plutarco me conduziu à resignação. Quero, se isto todavia é possível, arrostar o meu destino, mas há momentos na vida em que sou a mais miserável das criaturas de Deus. — Suplico-te que nada digas do meu estado a ninguém, nem mesmo a Lorchen; é confidencialmente que te conto tudo

isto. Gostaria que escrevesses a tal propósito a Vering. Se meu estado não se alterar, virei, na próxima primavera, para junto de ti; alugar-me-ás, nalguma bela região, uma casa de campo: quero tornar-me campônio durante seis meses. Talvez isso me faça bem. Resignação! Que triste refúgio! E, no entanto, é o único que me resta! — Perdoa-me por trazer mais esta preocupação de amigo para os teus já muitos aborrecimentos.

Steffen Breuning está agora aqui, e passamos juntos quase todos os dias. Faz-me tanto bem evocar os sentimentos passados! Êle se tornou, verdadeiramente, um bom e excelente rapaz, que sabe alguma coisa e que tem (como todos nós, mais ou menos) o coração no lugar certo...

Quero escrever também à boa Lorchen. Nunca esqueço nenhum de vós, meus queridos, mesmo quando não vos dou qualquer sinal de vida. Sabes bem que escrever jamais foi o meu forte; meus melhores amigos ficam anos sem receber carta minha. Vivo sòmente nas minhas notas; mal termino uma obra e já começo outra. Do modo como trabalho atualmente, faço, muitas vêzes, três ou quatro coisas ao mesmo tempo. — Escreve-me com maior freqüência; vou ver se arranjo tempo para te responder. Saúda a todos por mim...

Adeus, bom e fiel Wegeler! Fica certo do afeto e da amizade do teu Beethoven.

A família falava mais alto, mas eu nada dizia para não inquietar. E aí tomei o trem (fica mais bonito trem) e corri ao Recife, à procura de um especialista. Lá, fazia-se o diagnóstico: excesso de cera nos ouvidos. Deram-me uma lavagem nos mesmos e eu voltava curado.

— Fala mais baixo, rapaz, sou surdo não!

— É que o Governo, o deputado Wilson Braga...

Só era quando eu tinha saudades da minha surdez, quando me vinham com esse assunto de Governo e de Bancada, já irritando!

— Estás uma pilha, rapaz, calma!

O PLANAG 14

Governador, Ernani Sátyro perguntou a um Secretário:

— Como vai o inverno?

Abrindo a pasta, o auxiliar foi dizendo:

— Tenho aqui algumas precipitações pluviométricas anotadas...

Ernani estribuchou:

— Por favor, não se precipite. Estou perguntando por chuva.

Para o leigo, sem preparo do chamado economês, é difícil penetrar a seara de certos documentos, como este Plano de Ação do Governo Ivan Bichara, de sigla PLANAG.

"Os setores agricultura e indústria serão vistos dando um enfoque de complementaridade e integração, inclusive do ponto de vista espacial".

"O espaço, como o tempo, são pre-requisitos necessários para a existência de planos, programas e projetos. A execução desses só vem acontecer de modo racional quando aqueles são definidos. Embora não seja a substância do conteúdo, a indefinição espacial é suficiente para estrangular a eficácia do planejamento." (pág. 73).

Como se vê, é atritoso para o pensamento esse exagero expressional dos que estão dominando o Brasil, os chamados técnicos. Respeito-os, mas sem os exageros vocabulares, em se tratando de idéias gerais. Mas, de tanto "espacial", iniciemos a contagem regressiva e partamos para o mundo da lua que verdadeiramente é esse PLANAG, que devia ser técnico, mais acessível, sem maior incômodo aos que a ele por ventura recorram, para consulta.

A menos que ele só considere as chamadas isoietas, isto é, curvas de idênticas precipitações pluviométricas, (chuvas), há, logo no início do plano, grosseira mutilação da área do Estado em relação ao chamado Polígono das Secas. Diz ele:

"A Paraíba possui cerca de dois terços ao seu território incluído na área nordestina sujeita às secas". (pág. 9)

Não é verdade. A Paraíba tem aproximadamente noventa e oito por cento do seu território no mapa do Polígono. Representou isso, dadas as ampliações da ajuda federal ao Estado, grande conquista do saudoso deputado José Janduhy Carneiro, no Congresso, ao emendar o projeto de lei delimitador de tal figura geométrica, jogando-nos, ali, quase que totalmente. Dir-se-a que o PLANAG tem pretensões técnicas e que o critério das curvas de nível é o que interessa. Não e não. Qualquer plano òbviamente deve ser político na sua melhor expressão, absorvendo a verdade legal. Aliás, aí está uma amostra, (para os técnicos, os pernosticamente maus técnicos seria amostragem) do conflito entre o técnico e o administrador. Para mim o técnico, ficando de olho no microscópio, a ver minúcias, tem sempre um olho fechado, pois é assim que se espia nesse aparelho, enquanto o administrador deverá ter aquela visão muito bem definida na frase de José Américo de Almeida: "Ver bem não é ver tudo, é ver os que os outros não vêem". O próprio José Américo, certa vez, em conversa comigo, chegou a fazer o seu reparo:

"O mal dos técnicos é que só dão solução antihumana".

Mas vejamos o que o Delta Larrousse diz sobre o Polígono das Secas.

Polígono das secas, área legalmente considerada sujeita às secas, no Brasil, para combate aos seus efeitos, contida na poligonal que tem por vértices as cidades de Natal, Fortaleza, o ponto limite entre os Estados do Ceará e do Piauí, na foz do rio

São João da Praia; a embocadura do Longá, no Parnaíba, e, seguindo pela margem direita deste, a afluência do Uruçuí Preto, cujo curso acompanha até as nascentes; a cidade de Gilbués, no Piauí; a cidade de Barra, na Bahia; seguindo pela margem direita do rio São Francisco, a cidade de Pirapora; cidades de Bocaiúva, Salinas e Rio Pardo de Minas, em Minas Gerais; cidades de Vista Nova, Poções e Amargosa, na Bahia; cidades de Tobias Barreto e Canhoba, em Sergipe; cidade de Gravatá, em Pernambuco; e cidade de João Pessoa, na Paraíba. São os limites estabelecidos na lei 1.348, de 10 de fevereiro de 1951, tendo a de nº 4.763, de 30 de agosto de 1965, incluído no Polígono todo o município de Vitória da Conquista (Bahia), antes abrangido somente em parte. Totaliza 936.933km^2, assim divididos por Estados: Piauí, 207.019km^2; Ceará, 136.526km^2; Rio Grande do Norte, 48.031km^2; Paraíba, 55.119km^2; Pernambuco, 87.484km^2; Alagoas, 12.266km^2; Sergipe, 10.395km^2; Bahia, 320.211km^2; e Minas Gerais, 57.328km^2; e mais 2.614km^2 da área em litígio entre Piauí e Ceará. Compreende, total ou parcialmente, 1.148 municípios brasileiros, com uma população de mais de 15.000.000 de habitantes (14.756.958, conforme o recenseamento de 1960). Demarca o campo de atuação do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas e, no tocante a Minas Gerais, da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste e do Banco do Nordeste do Brasil, operando ainda em sua área o 1.º Grupamento de Engenharia, a Comissão do Vale do São Francisco, a Companhia Hidrelétrica do São Francisco e a Companhia Hidrelétrica da Boa Esperança.

● *Histórico*. A ausência ou a carência de chuvas com implicações sociais e econômicas, no Nordeste do Brasil, são registradas pela tradição e a história desde o século XVII, nos anos de 1606, 1614 e 1692, ocorrendo no século seguinte as secas de 1723-1727, 1736-1737, 1744-1745, 1777-1778, e

1790-1793. O governo imperial, em 1824, depois da repetição do fenômeno em 1809-1810 e 1816-1817, enviou esmolas às populações do Rio Grande do Norte e Paraíba, empregando, a partir de 1844, recursos parciais na construção de estradas de rodagem e açudes. Sobrevém a seca de 1877, durante a qual, segundo Rodolfo Teófilo, morrem no Ceará e vizinhanças aproximadamente 500.000 pessoas, de sede, inanição, alimentação venenosa e epidemias. Nesse ano é nomeada uma comissão de engenheiros para percorrer o Ceará e estudar os meios de debelar os efeitos das estiagens. A comissão, presidida pelo engenheiro Julius Pinkas, entre outras medidas, propõe a construção de trinta açudes de 1 milhão de metros cúbicos de água, cada um, e a de um canal ligando o rio São Francisco ao Jaguaribe. Em 1884, iniciam-se as obras do açude Cedro I, em Quixadá, Ceará, a cargo do engenheiro J. J. Revy, diversas vêzes interrompidas e somente concluídas na república, em 1906, pelo engenheiro Piquet Carneiro. Depois das secas de 1900 e 1903, são criadas, em 1904, a Comissão de Açudes e Irrigação, sediada no Ceará, a Comissão de Estudos e Obras Contra os Efeitos das Secas e a Comissão de Perfuração de Poços, estas no Rio Grande do Norte, chefiadas, respectivamente, pelos engenheiros Piquet Carneiro, José Matoso Sampaio Correia e Pereira Reis. As três comissões fundem-se, em 1906, na Superintendência dos Estudos e Obras contra os Efeitos das Secas, dissolvida no ano seguinte. O decreto 7.619, de 21 de outubro de 1909, cria a Inspetoria de Obras Contra as Secas, entregue primeiramente ao engenheiro Miguel Arrojado Lisboa, e o nôvo órgão enfrentará as secas de 1915 e 1919, quando se transforma em Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, pelo decreto 13.687, de 9 de julho. A falta de chuvas torna a manifestar-se em 1932, ano em que a inspetoria chega a ter, de uma só vez, 220.000 operários nas chamadas "obras de

emergência". A política de atuação do órgão está expressa no relatório de seu diretor, engenheiro Luís Augusto da Silva Vieira, referente a 1931--1933: "Conquanto o objetivo principal da Inspetoria seja açudagem, nem por isso ela poderia deixar de encarar as obras rodoviárias como campo muito mais vasto ao emprego da massa de flagelados que aluíam em busca de alimentação". A constituição de 1934 estabelece: "A defesa contra os efeitos das secas nos Estados do Norte obedecerá a um plano sistemático e será permanente, ficando a cargo da União, que despenderá com as obras e serviços de assistência quantia nunca inferior a quatro por cento de sua receita tributária sem aplicação especial" (art. 177). A lei 175, de 7 de janeiro de 1936, regulamenta o texto constitucional e, pela primeira vez, delimita oficialmente a área de combate às secas, pela "poligonal cujos vértices são os seguintes: cidades de Aracati, Acaraú e Camocim, no Ceará; interseção do meridiano de 44° WG. com o paralelo de 9°; interseção do mesmo meridiano com o paralelo de 11° e a cidade de Amargosa, no Estado da Bahia; cidade de Taipu, no Estado de Alagoas; cidade de Caruaru, no Estado de Pernambuco; cidade de Campina Grande, no Estado da Paraíba; e cidade de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte". A atuação federal na região diversifica-se com a organização da Companhia Hidrelétrica do São Francisco, conforme decreto-lei 8.031, de 3 de outubro de 1945, e outro decreto-lei do mesmo ano, o de nº 8.486, de 28 de dezembro, transforma a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas em Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. O Polígono é ampliado pelo decreto-lei 9.857, de 13 de novembro de 1946, que nele inclui a "área compreendida entre a margem direita do rio São Francisco, desde Barra, no Estado da Bahia, até Pirapora, no Estado de Minas Gerais, a linha Pirapora—Montes Claros e a linha Montes Claros—

—Amargosa, no Estado da Bahia". A constituição de 1946 estipula em três por cento a parcela da receita tributária para o "plano de defesa contra a chamada seca do Nordeste". A lei 541, de 15 de novembro de 1948, cria a Comissão do Vale do São Francisco e a de nº 1.649, de 17 de julho de 1952, o Banco do Nordeste do Brasil S.A; para "empréstimos na área do Polígono das Secas". O 1º Grupamento de Engenharia e a Comissão Construtora do Nordeste organizam-se com o decreto 37.221, de 27 de abril de 1955, para execução de "obras rodoferroviárias e contra as secas". A lei 3.692, de 15 de dezembro de 1959, cria a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). A constituição de 1967 não faz disposições específicas sobre as secas, enquanto o decreto-lei 200, de 25 de fevereiro de 1967, sobre a organização da Administração Federal, coloca sob a competência do Ministério do Interior o "beneficiamento de áreas e obras de proteção contra as secas e inundações" (art. 39).

POLÍGONO DAS SECAS
São Luís
FOZ DO RIO SÃO JOÃO
EMBOCADURA DO RIO LONGA
Fortaleza
MARANHÃO
CEARÁ
R.G.DO NORTE
Natal
EMBOCADURA DO RIO URUÇUÍ PRETO
PARAÍBA
João Pessoa
PIAUÍ
PERNAMBUCO
Recife
NASCENTE DO RIO URUÇUÍ PRETO
AL.
Maceió
SE.
Aracaju
Barra
BAHIA
Feira de Santana
Salvador
Poções
Salinas
Pirapora
Bocaiuva
MINAS GERAIS
OCEANO PACÍFICO
OCEANO ATLÂNTICO

O PLANAG, desta forma, presta relevante desserviço aos que estudam o nosso Estado, restringindo a sua área seca numa deformação do mapa climático.

Mas não fica aí a série de equívocos, omissões e ignorância total da problemática paraibana vista pelo PLANAG. Na parte de riquezas minerais, por exemplo, ele é de uma pobreza que raia o absurdo, arrolando apenas cinco minérios, (pág. 33): argila betonítica, calcário, caulim, xilita, (sic) e cassiterita. Vale a pena informar que há no Estado quase quarenta minérios, destacando-se logo o ouro, notadamente o da mina de São Vicente, no Vale do Piancó. Sabe-se que, ali, aí por volta de 42, houve verdadeira explosão aurífera, criando fortunas que a compra de quatro mil quilos do minério, só pela agência do Branco do Brasil em Campina Grande, dá uma idéia.

Diamante, aquela cidadezinha do Vale do Piancó, já tem esse nome pela ocorrência disso em seu solo.

O professor Clerot, francês que se tornou paraibano e estudioso de nossos assuntos, inclusive legando-nos talvez o único dicionário de tupi-guarani do Brasil, deixou alentado trabalho sobre as riqueza no setor mineral paraibano. E Gabriel Bezerra, gente nossa, fez trabalho igualmente minucioso e paciente. Na lista (para os técnicos seria listagem) do doutor Gabriel, grande estudioso e admirável pessoa humana, figuram: Cristal de feldspato potássio. Minério utilizado na indústria de louça e na agricultura, depois de pulverizado, em face do seu alto teor em potássio. Gabriel encontrou esse minério na propriedade do Sr. Brunet Ramalho Crisanto, no município de Itaporanga.

Espodumênio, que é fonte de lítio, com ampla aplicação industrial, presente em algumas localidades do Cariri.

Turmalina-preta. Encontrada no Sertão do Seridó e no Cariri.

Quartzito-granada, variedade piropo, tendo como rocha encaixante o quartzito-ferroso. É pedra semi-preciosa encontrada pelo dr. Gabriel Barbosa de Farias, outro Gabriel, outro estudioso, em Ibiara.

Turmalina-mangânica. Bicolor, externamente verde e internamente rosa, facílima de ser encontrada em Araruna.

Molibdenita, de largo uso também na indústria, notadamente em metalurgia e às ordens de quem quiser explorá-la, no município de Frei Martinho.

Calcita. Carbonato de cálcio, também de amplo emprego industrial, aflorando no município de Umbuzeiro.

Maritina, com ocorrência em alguns locais do

Curimataú.

Cristal de rocha - hialíneo, com jazida localizada na propriedade Roça Velha, de dona Celina Ramalho Mangueira, no município de Santana dos Mangueiras, com emprego na indústria eletrônica.

Cassiterita, tão franca no Cariri quanto o umbu. Há até algumas minas em funcionamento.

Tungstato de cálcio ou scheelita, com ocorrência nos municípios de Santa Luzia, Patos, São Mamede e Catolé do Rocha.

Asbesto. Variedade de amianto empregada como isolante e na indústria de fabricação de telhas. É encontrada em Taperoá, por sinal, terra do nosso Vice-Governador.

Quartzo-rosa, aplicado como pedra de adorno. Os chineses de HongKong têm grande interesse por essa espécie de quartzo, importando-o de Madagascar.

Água-marinha, pedra semi-preciosa, com ocorrência em Brejo do Cruz. Indo a essa cidade, cheguei mesmo a ver, num armazém, grande quantidade desse minério.

Turmalina-cinza-esverdeada, pedra de adorno, encontrada também nos Cariris Velhos.

Cristal de rocha semi-transparente. Também ocorre nas áreas de pegmatismo, no Sertão, Cariri e Seridó.

Quartzo-rolado, muito comum em quase todas as regiões da Paraíba, ocorrendo nos leitos dos riachos e rios.

Berilo, nas cores branco, amarelo e rosa, à vontade, no Cariri.

Berilo tipo água-marinha azul-esverdeada. Tem o dr. Gabriel amostra desse minério procedente de Santa Luzia.

Água-marinha, de segmento tipo ardósia e micaxisto, abundante no Vale do Piancó.

Ematita, minério ferroso, encontrado na Serra Velha, em Itatuba.

Pedra-sabão. Há ocorrência de pedra-sabão (a pedra-sabão em que o Aleijadinho deixou as mais belas esculturas, patrimônio hoje do Brasil), em várias regiões do Estado.

Feldspato-potássio. Há abundância desse minério, com grande aplicação industrial, em Itaporanga.

Caulim. Há caulim na Paraíba em todo o Cariri e no litoral.

Fluorita. Há ocorrência de fluorita em Salgadinho, onde em épocas passadas houve intensa exploração. A jazida, segundo as anotações do dr. Gabriel Bezerra, pertenceu ao sr. Raimundo Viana, comerciante em Campina Grande.

Ilmenita. A ilmenita "vive" muito bem na areia das nossas praias, notadamente no município de Mataraca.

"Gosta" também de certas faixas do Vale do Piancó.

Mármore. O mármore, com abundância nas mais diversas cores, é encontrado em Princesa Isabel, Itabaiana, Umbuzeiro, Teixeira e Nova Olinda.

Mica. A mica é encontrada na Paraíba nos municípios de Picuí, Pedra Lavrada e no Vale do Piancó.

Vimos, assim, que além do professor Clerot, dois Gabriel, Gabriel Bezerra e Gabriel Barbosa, apontam, matando a cobra e mostrando o pau, essas riquezas todas.

Chamásse-me Gabriel, estaria também nesses roteiros para o pé-de-meia que ainda não consegui.

Mas o que dá sensação ao desastre do Plano nesse aspecto de minérios, metálicos e não metálicos, é que, como se sabe, Marcelo Lopes, por sinal, filho de uma das maiores figuras do Estado, o grande Stênio Lopes, é um dos colaboradores do PLANAG. Participou ele, também, de excelente estudo, realizado para a ADESG, Delegacia do Estado, amplamente distribuído, e intitulado PROBLEMÁTICA DA EXPLORAÇÃO DE MINÉRIOS NA PARAÍBA. Por que então, tendo esse trabalho, um tanto completo, deixou Marcelo de incorporá-lo ao PLANAG? Marcelo é homem de bem, um amor mesmo de pessoa, honesto, modesto, e altamente competente. O que ocorreu, sem dúvida nenhuma, foi que Marcelo teve apenas o seu nome incluído no PLANAG, jamais dele tomando conhecimento.

Desentrosamento, como se vê, ou coisa mais grave, no setor governamental.

O PLANAG chega a irritar mesmo, quando, em suas exposições, fica a linguiçar em acassianismo idiota. Diz, por exemplo, quando fala na cultura do milho, que este é utilizado na alimentação do homem e do animal. Meu Deus! Qual é o animal que não sabe que milho é também comida para gente?!

O importante num plano não são essas afirmativas inconsistentes. O que interessa, obviamente, em planejamento, é o modus faciendi. No caso, como melhorar as condições do milho, suas áreas ideais de plantio e assim por diante.

Saber que esse cereal dá cangica e pamonha e que vai para as cocheiras, também, não é nenhuma vantagem. Isso todo mundo sabe.

Os técnicos que elaboram programas para os governos nordestinos, dou-lhes a dica, o que devem fazer é ler tudo o que há relacionado com Delmiro Gouveia, ainda a última palavra em problemas nordestinos. Delmiro Gouveia que preconizou o aproveitamento de todas as regiões semi-áridas

existentes entre nós para a criação de verdadeira riqueza, através da criação de caprinos. Chegava Delmiro, após suas pesquisas práticas, a afirmar que o bode pode atravessar, gordo, dez secas, pois, como sabemos, ele só não come pedra. É animal de alimentação, digamos, suspensa ou aérea, o que estiver por cima. Coexiste com os bovinos e equinos, sem com eles concorrer em matéria de forragem. Alimenta-se do que os outros não querem comer, as chamadas ramas e alguns cactus.

Caso o Sr. Governador se interesse para marcar mesmo um grande Governo no Estado, cuide por exemplo desse assunto e encha o Cariri de caprinos e não saberemos mesmo até onde podemos ir economicamente. Riqueza, e riqueza muita.

Converse o Governador Ivan Bichara Sobreira com o dr. João Feitosa e verá das vantagens da caprinocultura. Previno que Feitosa não vai dar o serviço com facilidade, vai dizer que os bodes adoecem, dão muito trabalho e nunca há mercado. Mas é que ele é sabido e não quer concorrência.

E por falar em Cariri, por que não cuidar da instalação ali da bacia leiteira paraibana, como a existente em Alagoas, em região idêntica, e que hoje é a maior produção de leite em todo o Brasil, per capita?

Por que não manda o Governador Ivan Bichara Sobreira ler os antigos boletins do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, que no passado constituíram valiosa contribuição ao estudo de nossa problemática?

Trajano Pires da Nóbrega, de saudosa memória, meu parente e grande amigo, sempre me falava com entusiasmo desse material, citado inclusive por Josué de Castro em sua famosa Geografia da Fome. Nada desses estudos está obsoleto, apenas relegados pelo descaso dos falsos estudiosos. Falando-se, então, também no DNOCS, dou um aviso aos navegantes. É tamanha a incúria do Governo e da representação no Congresso, que para este ano, enquanto o Ceará conseguiu 16 ou 18 açudes, grandes açudes, a Paraíba logrou apenas verba para a construção de dois pequenos reservatórios.

Ainda na parte sobre agricultura, o PLANAG vai ao absurdo de indicar o Alto Sertão de Cajazeiras como ideal para o plantio de café, quando sabemos que ali não dá a rubiácea, pois o clima é de quase 40 graus à sombra. Tomei excelente café, lá, um dia desses, em casa do meu velho amigo Otacílio Jurema, mas esse era a excelente variedade "mãozinha", proveniente da serra de Baturité. Em casa de outro amigo, já experimentara uma das variedades comuns importadas de São Paulo. De lavra cajazeirense, mesmo,

não vi café no bule de ninguém. Evidentemente, nas pequenas faixas serranas poderá se ter ali uma pequena plantação de café, mas sem maior consideração. E se der café indiscriminadamente no Alto Sertão de Cajazeiras, o que ninguém acredita, só o plano crê, dará em todo o resto do Sertão. Agora, o que o PLANAG não diz é que dá café em Teixeira, por exemplo, e excelente café, conhecidas que são as plantações em todos os arredores do Jabre, no distrito de Maturéia.

Torna-se ainda, do ponto de vista agrícola, por demais pitoresco, para não dizer esquisito, o plano delimitar a experiência da cultura de bananeira em quatro ou cinco municípios, quando todo mundo sabe que bananeira dá em todo canto na Paraíba. João Cabral de Melo Neto tem até um verso que explica bem essa proliferação da bananeira:

> Daí a bananeira dobrar, como impotente,
> A ereção do mangará, de crua macheza;
> E daí conceber as bananas sem caroço,
> Fáceis de despir, com carne de rameira.

Mauro Mota, outro grande poeta, tem uma monografia famosa sobre o caju. Nesse excelente trabalho ele não só fala no que se pode extrair do caju como riqueza, mas dá, também, o seu aproveitamento sociológico. A castanha serve, por exemplo, para os meninos brincarem no jogo de encosto à parede e outros brinquedos. Adotando esse mesmo critério do autor de ELEGIAS, eu diria que na Paraíba dá banana com profusão, até mesmo no punho das crianças quando se desagravam (Dei foi banana prá ele). E quando, nos folguedos aquáticos, sobretudo nos nossos açudes sertanejos, se mergulha pondo as pernas para cima, agitando-as fora dágua, no que chamam "plantar bananeira".

Quanto à saúde pública, a coisa chega a ser engraçada. Não registra o convênio da FUSEP - INPS, sabendo-se que é a autarquia federal, através da compra de serviços hospitalares de toda a rede nosocomial do Estado, que por dispêndio de milhões de cruzeiros mensalmente, dá suporte ao Estado.

O Plano não sabe disso, mas o Plano também não sabe nada sobre a atualidade de nossas principais oleoginosas. Pouco ou nada diz sobre o caju, uma das grandes potencialidades hoje de todo o Nordeste. Tão significativa é a exploração cajuína entre nós que no Ceará o Governo César Cals chegou a plantar quase 50 mil hectares dessa cultura. E exclui, estupidamente, de qualquer referência, o inhame, sabido que, via Cabedelo, enviamos, para a Inglaterra, con-

siderável quantidade desse tubérculo. Os ingleses o comem muito bem, só fazendo mesmo uma exigência, a da padronização do diâmetro.

Não precisa ser técnico para verificar a inépcia do PLANAG. Quanto à pesca, ainda como exemplo, ele é absolutamente ignorante. Descura, mais do que isso, omite-se totalmente quanto à atividade pesqueira nos açudes, tão importante quanto a que se pratica no oceano. Nada diz sobre o peixamento dos nossos reservatórios, hoje ricos em espécimes trazidos do Amazonas, notadamente o tucunaré e o pirarucu. Documentei, há dois anos atrás, em filme colorido hoje exibido nos Estados Unidos, em versão inglesa, a atividade pesqueira nos açudes, onde fotografei uma empresa vendendo para Recife e Natal, (João Pessoa sem vez) toneladas e toneladas de camarão. Tenho o filme para quem quiser ver, sob o título de AÇUDAGEM NO NORDESTE, que enfeixa, não só esse problema da pesca, mas outros, como o não aproveitamento condigno das jusantes dos açudes, onde em sua grande maioria não há um pé de capim, enquanto às margens dos rios perenizados há gente com fome. Filme em que faço um apelo às autoridades, federais sobretudo, para que se advirtam dos compromissos por elas assumidos com as massas rurais, submersionando os vales altamente agricultáveis, a não falar em vilas e cidades, para sempre mergulhadas nessas águas. E dou, finalmente, o carro de boi como simbolo desse estágio: o carro cantando e o homem chorando, quando tudo pode ser resolvido através da exploração dessa açudagem, eficiente instrumento do homem contra a fome.

Dizem que é costume, em certas tribos do Amazonas, os pais intaniçarem (envolverem com taniço, um cipó) os filhos recém-nascidos, para que estes, ao chegarem à idade de andar, tenham adquirido completa desenvoltura. O indiozinho, assim, locomove-se com a maior facilidade, impertigado, de espinha modelada para o movimento e elegante como um lord inglês.

O plano do Governo não foi encaniçado. Cai aqui, cai acolá, para ele só há uma solução, o Governo recolhê-lo, pois ele depõe contra a nossa capacidade administrativa e a nossa cultura, com os seus "haja vista", e outras barbaridades idiomáticas.

Nisso eu faço justiça, aliás faço em tudo, ao Governador Ivan Bichara Sobreira. Ou assinaram o plano por ele, ou ele o assinou sem ler.

Óbvio que, para um Governo, não fica bem nenhuma

das hipóteses, porque o PLANAG não fica bem para ninguém.

Sobretudo para a Paraíba.

O CIRCO

15

De um ano e pouco para cá a política, pelo que se vê, entrou em declínio representativo que é de pasmar céus e terra. Com raríssimas exceções, a representação arenista no Congresso, em câmara de vereador ainda faz vergonha. Tiram-se menos de tres... O resto... E o que esperar dessa gente, só voltada ùnicamente para os seus interesses pessoais, a maioria deles inconfessáveis? E o que mais irrita é que faturam as suas falcatruas por conta da Revolução. Esse caso da Arena é de revoltar! O ilustre Presidente Geisel indo às vigílias para administrar bem, tem o seu trabalho estragado por governadores e deputados que se dizem seus representantes mas que só fazem criar um clima não condizente com a moral pública exigida pelo Chefe da Nação. Mandasse, Sua Excelencia, um observador ao nosso Estado acompanhar o nepotismo e outras coisas, ficaria estarrecido. Sabe-se aliás que ele, recentemente, mandou que dois Ministros desnomeassem filhos dos respectivos Ministérios, numa demonstração de que não quer a administração como extensão do lar de ninguém.

Pois bem.

Além dessa incapacidade, os congressistas, a maioria deles, quando o entusiasmo do Governador era grande para enfiar o cunhado na Chefia da Previdência, trotou de trai-lo. Insatisfeito, o grupo parlamentar, com o tratamento que o Dr. Ivan lhes dava, recusas de uma nomeação de professora, mudança de um delegado, essas pequenas coisas de que eles vivem, pretendeu apresentar um nome à Chefia. E esse o nome honrado de Tercílio Cruz. Um deles, dizendo-se representante dos demais, telefonou a Tercílio, Procurador Regional da Instituição, pedindo anuência para conduzi-lo às autoridades superiores. Tercílio relutou dizendo dever-me lealdade, pois notória é a nossa amizade. Dessas amizades que dão certo nas menores coisas. Em gostos, solicitudes, compreensão. Os telefonemas, contudo, da Capital Federal, eram insistentes e o argumento para vencer Tercílio era que o meu ato de exoneração já estava pronto.

Oito dias depois, contudo, a Bancada telefonava para Tercílio, dizendo que houvera resistência por parte do Governo Estadual, ficando o dito por não dito.

Haviam-se acovardado.

E, se para o sistema do Governador e da Bancada para ir à Chefia precisa o ferro arenista, coisa natural afinal em quem está no Poder, Tercílio é simplesmente Presidente do Diretório da Arena em Tacima e líder em toda a região do Curimataú.

Tercílio Cruz, homem de bem e sensível, curtiu a decepção em sua bela fazenda, entre amargosas, rapadura-de-cavalo, olho-de-santa-luzia, pé-de-galinha e outras forrageiras que engordam o belo plantel Nelore de seu projeto na Sudene. Amigos se revoltavam:

— Mas viu o que fizeram com Tercílio? Era meu primo José Ayres, também amigo do Procurador, que se mostrava indignado. — Papelão!

Tercílio teve uma coisa assim em comum com Joana D'Arc: foi posto na fogueira.

Tem reservas de martírio para ser o primeiro santo brasileiro.

A situação é tão grave mesmo na Arena paraibana que poderá eclodir, ali, a qualquer momento, crise maior. Agripino chegará com os tratores da Camargo Correia simulados de tanques; Álvaro Gaudêncio cheio de penas e de arco e flexa, como autêntico indio da Nação Cariri; Antônio Gomes com um revólver Smith Wesson, garantindo que dessa vez a importação foi pela via legal; Wilson Braga, barba intonsa, com um bacamarte boca de sino; Antônio Mariz com

uma foice; Ademar Pereira com um cabo de vassoura...

Ernani, na confusão, com o Verbo.

Tanto é assim que o ilustre deputado Francelino Pereira, em aqui vindo, para pacificar o Partido, viu que isso era impossível, limitando-se ao inevitável uisque no bar Nobre do Hotel Tambaú, com alguns deputados.

Falam em várias marcas da bebida escocesa, mas tenho para mim que foi servido Passport.

Para ele safar-se mais depressa.

PRESTAÇÃO DE CONTAS 16

Tive, na Repartição, uma boa trégua na pressão política quando surgiu o chamado caso dos secretários, Ernani versus Tribunal, tendo o Governador Ivan Bichara Sobreira como árbitro. Todos pareciam esquecidos de mim, a política governista dando tudo como sobrestado até a solução do caso. Do Rio Ernani mantinha permanente contato telefônico com amigos, deputados e o Governador. E se preocupava bastante, porque um revés no julgamento de suas contas pela Assembléia seria duplamente prejudicial. Representaria um dano político de difícil reparo para ele, e, ao mesmo tempo, vários auxiliares seus, técnicos do mais alto gabarito e de grande devotamento ao serviço público, teriam que recolher aos cofres do Tesouro quase trezentos mil cruzeiros. Dois ou três teriam mesmo que vender a casa de morada para atender à exigência da devolução de salário honestamente ganho, suadamente percebido, malsinado porque o fora por contrato, por sinal o mais simpático e atual, de ampla aplicação hoje no serviço público que é o vínculo trabalhista. Mas o Tribunal de Contas entendia nisso irregularidade insanável, e se movimentava aliciando inclusive depu-

iados para a luta. É do conhecimento público a atuação do deputado Edvaldo Mota, indo da Assembléia para o Tribunal, vindo do Tribunal para a Assembléia, interessado que fosse infligida a Ernani grande derrota. Apesar de ter ingressado na política pelas mãos de Ernani, sua campanha de oposição a ele, no Município, ficaria bastante facilitada. Notícias iam para o Rio, notícias vinham do Rio, e a imprensa não se ocupava de mais nada. Alguns achavam tranquila a vitória do Tribunal pela defecção da representação agripinista; outros afirmavam o contrário, dado o empenho do Governador, a quem Ernani solicitara fechar a questão junto à Bancada. Estou seguramente informado que era tal o estado de espírito de Ernani, falando ao telefone com o Centro Administrativo, na manhã do julgamento, que o Governador, à certa altura, teria dito: "Ernani, você não confia em mim não ?".

O resultado é o que se sabe: Ernani, que sempre tivera sorte em sua luta com o Tribunal, com aquela vitória, desfechava-lhe autêntico tiro de misericórdia.

Salvo o seu prestígio.

E o dinheiro dos Secretários.

LINHAS CRUZADAS 17

— Alô, Consul!
— Alô, Urquiza.
— Quem fala ?
— Clotilde ao que parece vai se desquítar.
— Raimundo !
— Alô !
— Linha cruzada, Urquiza!
— Ela foi pegada no Fogeama. O marido está cobra.
— Não sei de nada, Urquiza.
— É uma pena. Ela não sabe fazer a coisa, se expôs. E é pena, são quatro filhos nisso, não é?
— Raimundo! Alô!
— E é com aquele médico mesmo por quem ela tinha uma paixão?
— Que nada! É com um chofer de taxi. Você sabe, ela é muito sex.
— Doutor Ruy, está ouvindo, Urquiza?
— Eu pelo menos estou livre disso. Sei como fazer. Nada de Motel. E alguns deles têm os colchões muito duros.

Vou é para o mato. E é mais gostoso.

— Raimundo ! Alô.

— Quero falar para o Rio, os senhores desliguem. é assunto urgente.

— Alô !

— Parece que um secretário vai sair.

— É a Exposição ? Meu televisor está quebrado!

— Raimundo !

— Alô !

— Urquiza, linha cruzada.

— Bem umas dez.

— Alô, quero o Rio, 101, o Rio.

— Não sei o que vai ser das crianças com o desquite.

— Alô !

— Alô...

Já pessoalmente, na minha casa, à noite, o diplomata, aos risos, falava do diálogo das mulheres, lamentava a sorte do marido traído, e me adiantava somenos informações. Mas sempre com alguma notícia, alguma notícia, que esse é, na cidade, o seu ofício.

UM GOSTO E SEIS VOTOS 18

Eu ia, assim, navegando. Claro que sem maiores entusiasmos porque sem clima nenhum de trabalho. Era como se estivesse num forte, limitando-me a atirar para fora, pegasse em quem pegasse. O funcionalismo a mostrar-se com sinais de fadiga, pois a ameaça à minha administração o atingia também. Alguns servidores menos afeitos à luta, claudicavam:

— Não se sabe quem vem...

Havia os otimistas, alentados nas idas ao Rio de Janeiro. Mas também os pessimistas, catando notícia nos jornais para me mostrar. Jornais até de fora, sempre registrando a impertinência do Governador e dos deputados federais junto às autoridades superiores, procurando o objetivo inarredável.

— Rapaz, você saindo daqui, perde vencimentos? E pergunto assim porque sei que você é pobre.

— Se sair, ganharei até mais um pouco.

— Então dê o fora disso! Como aguentar semelhante situação?

Quem me falava assim, claro, desconhecia as razões

maiores que me animavam: fechar a porta da Instituição até o encontro de uma fórmula suasória. O encontro de uma solução do chamado alto nível para que a Repartição subsistisse indene na sua imagem perante a opinião pública. Queriam fazer dela um troço, uma dependência do Centro Administrativo, e isso merecia a total reprovação de quantos eram, no Brasil, responsáveis pelo seu destino. Preferia voltar-me para o programa administrativo, que caminhava, mercê de Deus.

A Assistência Médica disparava com Marcus Aranha aqui e Antônio Loureiro em Campina Grande, João Pessoa e Campina, os dois grandes pólos de demanda. Na Capital, implantamos um Centro Cirúrgico Odontológico, no melhor complexo dentário do Brasil, segundo todos os inspetores que já aqui estiveram, e instalamos uma bela unidade médico-assistencial, lá na Serra. Foi difícil a sua instalação, diante certa reação de alguns empresários médicos. Mas lá está a unidade, atendendo a milhares de pessoas. Nem a cerração da Serra a encobrirá porque as águas do Açude Velho, à sua frente, parece, à brisa solta na lombada da Borborema, já murmuram por sua presença. E até Itaporanga, a longínqua, quase nos limites cearenses, ganhou o seu posto de urgência. Escolhi para a data da sua inauguração a mesma da estrada Redenção do Vale. E expliquei, no meu discurso, que tendo a Revolução um programa integrado, a Previdência não podia chegar ali com as mãos apenas para aplaudir. Ela trazia alguma coisa também para oferecer à gente do bíblico Vale do Piancó. Agradeci os esforços de quantos haviam colaborado para as instalações, inclusive um motorista que varara a madrugada, insone, ironicamente conduzindo as camas necessárias ao funcinamento da unidade. Mas houve um desgosto para nós todos da Repartição, em Itaporanga. O deputado Wilson Braga e seu colega Soares Madruga, tomaram a festa para eles dois. Através do nosso serviço de Relações Públicas, haviamos programado a inauguração dentro dos padrões da norma. Infelizmente não podemos evitar que os dois parlamentares instalassem dentro do recinto barulhento sistema de som, para desencadeamento de ativa oratória demagógica. E afirmaram ao povo que tudo aquilo fora obra deles, por eles planejada e tudo o mais. Para a Repartição não sobrou nada. Aliás, antes da fala dos parlamentares, antes da bênção feita pelo padre Sitônio, um santo perdido no Sertão, antes de tudo, houvera verdadeiro vexame. É que ao ser anunciado o início do ato inaugural, os deputados, na avidez de aparecimento público, avançaram sobre a fita, puxando-a errado, no que resultou um nó de porco dificílimo

de ser desatado. Perdemos um tempo enorme procurando desfaze-lo. Mas, quanto mais eles puxavam, mais o nó se consolidava. Foi preciso certa energia do Relações Públicas.

— Deputados, tenham calma, vamos devagar. Agora, quanto mais puxar, pior.

Irrepreensível comportamento, devo fazer justiça, tiveram, na ocasião, os também deputados Antônio Mariz e Severino Ramalho Leite.

Já ao cair da tarde, deixávamos o Posto em pleno funcionamento, atendendo ao seu primeiro cliente, um ancião, cujo atendimento, pelo médico, foi acompanhado impertinentemente por Wilson Braga e Soares Madruga. Fornecida a receita e o medicamento, ao enfermo, Wilson dizia eufórico.

— O homem já está curado, e tem seis eleitores.

O Prefeito Sinval Pinto, adversario do parlamentar dentro da Arena, sabendo do potencial eleitoral, não largou mais o velho.

Ali se disputa política palmo a palmo e nessa base.

Mais vale um gosto e seis votos.

O APAGAR DAS LUZES 19

—Agora você está definitivamente liquidado.

— Mas liquidado por que?

— Liquidado por Ernani ficar devendo muito a Ivan no caso do Tribunal, e já não ter meios de intermedear nada. E ele é o político mais sabido do Estado. Derrotou o Tribunal e incompatibilizou Ivan com a Corte. E o Governador que se cuide, quando as contas forem as suas!...

— Uma de mestre, essa do líder de Patos, diziam. Vencer e criar uma intriga que no futuro fatalmente trará represálias.

Não creio em má fé de Ernani, e embora muito bronco em política, considerei, também, a jogada, politicamente perfeita. E concordava, igualmente, que pelo menos por algum tempo, Ernani estava sem munição. Algumas balas resfriadas para uma eventualidade em relação a Bertholdo, o nosso querido Bertholdo, moço inteligente, de muito bem querer em toda a Paróquia e adjacências, e que vem, como se sabe, sofrendo também pressões na Saelpa, por parte do irmão do Governador. Este chega a quebrar a hierarquia e ufanar-se de sequer não cumprimentar Bertholdo, que é, afinal, o Pre-

sidente da empresa.

A "perna" que Ernani fazia, acabava.

Eu não tinha outra sustentação agora senão a dos meus Chefes, cujas recomendações cumpria à risca, na defesa da Instituição. E via que, com essa situação interna da Arena, de nenhum idealismo e tudo na base de virar a mesa, briga e desgostos por todo canto, senão uma agremiação em que ninguém se entendia, para comprometimento dos interesses públicos de que ela devia ser a primeira a preservar.

E iam as coisas nesse pé quando vi que, numa graça, havia chegado dezembro. Eu atravessara todo o ano e conseguira salvar muita coisa do meu programa. Dezenas de serviços haviam sido melhorados, postos inaugurados, o Centro de Reabilitação consolidado. Era a hora de partir. Lamentava apenas que as mãos recuperadas nesse Centro não me pudessem dar adeus. No balanço geral eu só deixava de executar o banco de sangue, de minha idealização, e único no Brasil. Deixava de instalar as agências de Monteiro, Cabedelo, Catolé do Rocha e Pombal. Mas quem viesse, naturalmente o conseguiria. Do Rio chegava a concordância de que para meu lugar viria um terceiro, alheio à politicagem paraibana, mantendo-se incólume o conceito da Repartição.

De manhã, encontrando-me com Ernani Sátyro, que viera para a inauguração da Redenção do Vale, ele me informou:

— Estive com o Governador, ele me disse que irá ao Presidente da República, mas que você não ficará no Cargo!

Sabia das balas resfriadas de Ernani e não lhe pedi para lhes dar sol. Fora meu amigo até onde puderá ser e disso eu estava muito agradecido. E compreendia as injunções políticas, as dificuldades de relacionamento entre políticos, sempre precárias e a exigir prejuizos muitas vezes de consideração e até de afeto.

Eu estava decidido: à tarde, formularia, por telefone, a minha exoneração, e o terceiro, que não tinha nada com o peixe, nem com a carne, nem com as laranjas, viria para continuar a sagrada administração da Previdência no Estado.

CORTINA 20

Era o dia 12 de dezembro e eu formulava ao Presidente, por telefone, a exoneração. Ele ainda fez um apelo, mas argumentei que a Repartição estava perdendo, que o ideal era o terceiro, fórmula que todos ainda ignoravam, inclusive os mais intimos. Queria que valesse como impacto.

Deixado o telefone, sòzinho no Gabinete, olhei demoradamente para todas as coisas que haviam constituído o meu cenário de trabalho durante três anos, e me lembrava ter dali de uma daquelas janelas contemplado a saída do enterro de Padre José Coutinho. Aquela solidariedade de uma cidade toda, de um Estado todo, fora por ter ele feito previdência. Claro que uma previdência incipiente, pioneira, mas acobertadora de milhares de paraibanos. Fora isso há poucos meses o que afirmara Rivaldo Serrano, num seminário de estudos promovido pela Universidade Federal, ciclo esse que contara inclusive com a presença de Celso Barroso Leite, um dos donos do assunto no Brasil. Eu vira dali a massa imensa, homens chorando e mulheres em transe histérico, porque Padre Zé lhes levara assistência médica, auxílios de toda ordem, as coisas mais importantes de uma comunidade. Teria eu feito alguma coisa, eu que tivera tudo para fazer, porque no âmbito estatal? Felizmente a consciência não me acusava de

nada, apenas eu concluía que era muito difícil, mas muito difícil mesmo, servir ao povo.

O telefone chamou, corri:

— Urquiza, ouví tudo, felicidades, meu querido! — Era Raimundo, o Consul, que tanto me prevenira das linhas cruzadas! Já dei o furo para Otinaldo e estou mandando um fotógrafo para uma chapinha que fique como lembrança. Doutor Ruy vai saber já! Ainda não sabe porque não está dando linha. Desde hoje que chamo o 101 e nada!

Eu não queria despedidas e era propósito meu sair dali sem ninguém saber. Atendido o emissário de Raimundo, para a foto, chamei o motorista:

— Antenor, vamos no rumo de minha casa. Você vai me deixar pela última vez, já não sou Chefe.

Saímos e, à altura da Lagoa, mandei que ele parasse.

—Dá uma paradinha, vou tomar um pouco de ar.

Do Cassino, um homem, em favor de quem eu conseguira apressar o processo de aposentadoria, veio ao meu encontro.

— Doutor, o rádio está dando a sua saída, mas não me esquecerei do que o senhor fez por mim. Vim acompanhando esse caso todo e quando, ali no Cassino, ouvi a notícia, lamentei muito.

E abraçou-me. Os políticos não sabem, mas a Repartição hoje é queridíssima pelo povo, interessando-se ele impressionantemente sobre o seu destino. Eu e o motorista sentíamos as lágrimas daquele popular. E eu pensava na vitória, até certo ponto, é verdade, do Governo e da Bancada Federal, pois de qualquer forma eu não teria jamais clima para administrar. Via o cabo eleitoral de Ademar Pereira em seu espetáculo pirotécnico, os foguetões queimando o céu sertanejo.

O popular, sempre falando, já meio embriagado, foi para a beira dágua, e agora eu e Antenor víamos.

— O senhor está se sentindo mal? — perguntou Antenor.

— Não...

Aquele homem chorava. Coisa de cachaça, mas coisa.

Na água verde ficaram as suas lágrimas. Que um barco resvale sobre elas, um remo por elas se impulsione, um quase afogado consiga, com elas, completar a braçada da salvação.

OS PEDAÇOS DE CEDRO 21

Ao chegar à casa, despedi-me de Antenor, o bom Antenor. Olhei a viatura de que me servira durante tanto tempo. Para inspeções, visitas de representação, inaugurações.

Virara-lhe o velocimetro.

Amigos, colegas, conhecidos, já me aguardavam. À noite não pude ir à festa de formatura de engenheiros e médicos do trabalho, na Universidade, de que era patrono, honra conferida em ostensiva solidariedade à minha luta. Fui apenas à Rádio Arapuan, para a entrevista a Otinaldo Lourenço. Era a barragem que se rompia, levando ingazeiras e juazeiros, carregando oiticicas. Mas, de volta aos familiares, já começava a me sentir outro. E uma voz a gritar: "Agora é no pau! No pau!" E logo o ruído de madeira quebrando.

Felpas passavam e tive que botar as mãos no rosto, protegendo-os. Escapara da surdez, não ia ficar cego. Um dos fragmentos bateu na porta, rodopiou, caiu aos meus pés. Outro foi de encontro ao pequeno espelho da parede, ovalado, onde estava meu rosto e o arrebentou. Quem era que

vinha, assim, feito um furacão, quebrar-me a cara, ainda que daquele modo? O cunhado do Governador? Alguem do Governo? O compadre de Ademar Pereira, que não ficara satisfeito só com os foguetões, lá em Pombal, as tabocas queimadas caindo por cima das casas da Rua do Rio? No aperreio, não atinava em nada. Meu Deus, o que é isso? Além de queda coice, como se diz no Sertão, o Sertão que um dia deixara, com o aboio dos seus vaqueiros, a flor dos cardeiros, os carros-de-boi, as nuvens brancas, as zelações em ceu limpo, para ingressar no Serviço Público Federal, o mais sério do País? E aí a imprecação me explicava. Era doutor Alcebíades Parente... Sim! Sim! Era Alcebíades Parente espatifando o bastão de cedro, pedaço por pedaço, tomando a moto com o mesmo gorro com que se protegia do sol e do vento, e vindo ao meu encontro.

— Mas Doutor Alcebíades, o senhor por aqui?

— Por aqui, sim, para este ato mais importante do que o de nascer, o de renascer. Naquele dia na fazenda atra sei, mas hoje não podia faltar. E sou, nesta hora, pouco importando que eles já descansem desta bruta vida, o seu pai e a sua mãe. Sou o parteiro. E os homens querem apoio, solidariedade, pois só assim podem construir o futuro.

Logo na manhã do dia seguinte. apanhava alguns livros para apresentar-me à Universidade. E pensava, no caminho, que "viver vale suicidar-se todo o tempo," segundo o verso de João Cabral de Melo Neto. E eu estava ressureto. Livre da safadeza das conversas políticas, de muita coisa que envenena e amesquinha a pessoa humana. Deixara os políticos que não sabendo nada só pensam em ensinar tudo, e ia conviver, agora, com os que, sabendo tudo, só falam em aprender. Na Universidade, que representa bem a Paraíba do futuro, com professores e alunos nos laboratórios, nas bibliotecas, nas salas de aula, nas pesquisas sobre energia solar que são bem o símbolo dessa Paraíba de amanhã. SEM NEPOTISMO E SEM INÉPCIA.

Ia reassumir a cátedra já no Campus, graças ao dinamismo do Reitorado Humberto Nóbrega, sob o cheiro dos eucalíptos e à contemplação dos ipês em flor da mata do Buraquinho.

Já escrevi uma novela em que dizia: "O dia chegava com seu sol nas costas". E esse sol vem vindo, eu o sinto, pisando o cascalho deixado pelas estrelas.

PASSAGEM DE ANO 22

Enquanto escrevo estas notas, aqui no pavimento superior da minha casa, o ano passa. Ouço o buzinar de automóveis, a televisão do vizinho tocando o hino nacional. Logo mais, no Cabo Branco, a orquestra tocará para o sarau. Os ricos, os poderosos, estarão tomando uísque, festejando o Ano Novo, que será igual ao anterior, sem dúvida, porque para estes, forrados no seu inabalável bem-estar, o calendário é apenas uma amável convenção para ensejar festas e bailes.

Meus familiares saíram, livraram-se de mim nestes dias de azedume. Mas, na hora solene, levanto-me em respeito a 1976. Penso como é horrível um transcurso assim de ano numa casa ainda mais pobre do que a minha. Veem-me a mente os oprimidos, os injustiçados, os que sofrem perseguição. Os que ninguém compreende, negando-lhes muitas vezes a própria dignidade humana.

Recordava que em muitas porteiras de curral, no Sertão, eu ouvira fazendeiros dizer: "Meu gado é livre", referindo-se ao fato de o rebanho poder emigrar sem risco de adaptação a outros climas. Eu também me sinto livre para

ausentar-me do Estado, se necessário, enquanto perdurar o atual Governo. E se a nossa vida tiver que depender de governador, ali bem perto eu tenho um amigo: Divaldo Suruagy que, tenho certeza, me considerará útil à comunidade alagoana, onde morei os anos mais felizes da minha vida.

Divaldo vem fazendo uma política e uma administração louvadas pelo povo, colocando seu Estado em projeção nacional. E enquanto o Governador Bichara me oferece um livro, ele me manda, de lá do Palácio dos Martirios, logo dois.

Sento-me e, novamente, retomo o meu trabalho. Amarguro-me. Dorgival, depois de dez meses, está no Governo, e eu não posso ir sequer cumprimentá-lo. Ele pertence a um sistema que me expulsou de uma gestão alta em benefício do meu País. É madrugada e penso na outra madrugada em que um carro rebelde não queria pegar... No Palácio deve haver festa para os que pertencem à Arena paraibana. Raciocino, contudo, que Dorgival assumiu pegando fim e começo de ano, só feriados e dias santos. Com os sábados e domingos, é como se não tivesse conhecido aquilo que para os pobres de espírito, os sub-homens, as sub-almas, é a única coisa importante da vida: o poder.

Rebelo-me, fecho a máquina, boto um disco na eletrola, Adormeço com a música, até que meu filho me acorda.

— Papai, chegamos. Está triste?

Abraça-me. E, talvez inutilmente, lhe digo:

— Meu filho, feliz Ano Novo!

— O senhor vai ficar aqui?

— Vou Estou trabalhando.

Ele desce, ouço a batida do piano abrindo, e logo me vem Chopin, subindo as escadas, com os seus acordes. Ó as águas do Danúbio, recebidas nos ouvidos, lá em Recife!

Ao Urquiza,
com a minha admiração.
Maceió, 15/11/71
Divaldo Suruagy

Ao Urquiza
com a minha amizade.
Maceió 24/09/70
Divaldo Suruagy

O TREM

23

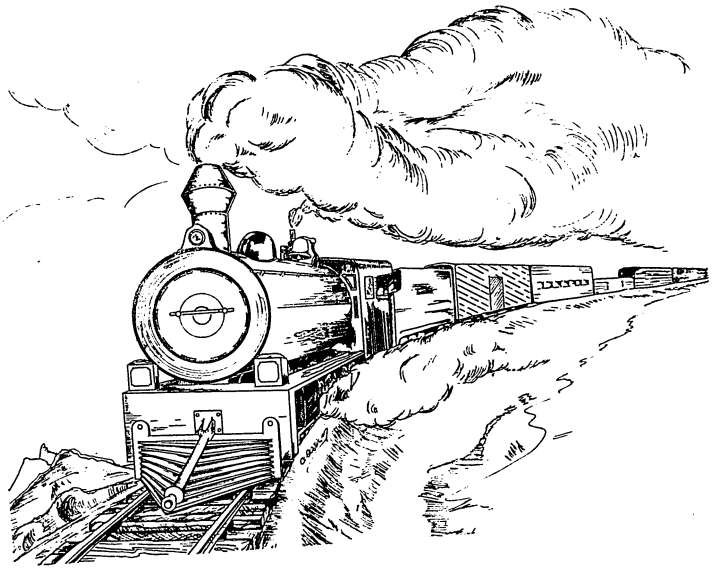
O Trem passa, mas vai com um passageiro a menos: o cunhado do Governador.

Mas é que, conforme se vê do gráfico anexo, consumada a sua nomeação, o Centro da cidade ficaria totalmente ocupado pelos familiares do Governador.

E prestem atenção: totalmente!

Pensou-se num gráfico periférico, mas ocuparia muito tempo.

SUB
SECRETARIA
DE
SAÚDE
PREFEITURA
BANCO
DO
ESTADO
CEN RO
DMINISTRATIVO
SAELPA
REPARTIÇÃO
COMANDO
POLICIA



O TEMPO REENCONTRADO 24

Manuel Bandeira imaginou Irene entrando no céu, eu imagino Ivan Bichara Sobreira saindo do inferno que é governar um Estado pobre, os parentes pressionando por emprego, as injuções sacrificando velhas amizades. Penso num encontro eventual nosso.

— Então, Urquiza, muito ódio ainda?

— Nenhum, Ivan. Eu só quis ajudá-lo.

— Infelizmente seu livro chegou tarde. Quando a coisa começa errada... Mas não falemos mais nisso.

Copacabana, a bela, das horas amanhecentes, ainda é mais bela. Geisel, que terá dado petróleo ao Brasil, realizado uma grande obra, é idolatrado pelo povo. Automóveis passam, as lindas mulheres da praia carioca vão ao sol, indago:

— Ivan, algum plano literário?

— Um romance. Tenho muita coisa a contar com a cruel e ingrata experiência. Mas, não podendo nomear ninguém, vou para a ficção.

E sairemos, os dois, conversa animada, pelas ruas do Posto 5. Maneiros de alma, quase flúidos, já em clima ficcio-

nal.

SERÁ O TEMPO REENCONTRADO

FIM

E AGORA, PARA QUE OS POLÍTICOS PARAIBANOS TENHAM A CHAMADA BOA VONTADE CRISTÃ E ALGUM IDEALISMO POLÍTICO, ACONSELHO-OS A LER DISCURSO DA ÁGUA, EM QUE ELA, COMO SE VERÁ, CONDENA OS MAUS HOMENS PÚBLICOS E FAZ UM APELO DE COMPREENSÃO ENTRE OS HOMENS

PRESIDENTE — Ouvimos o Fogo. Tenho a impressão que calou profundamente, nesta Câmara de Vereadores, a sua oração. Congratulo-me com o orador e passo a palavra, neste instante, à Água.

VEREADOR ENÓQUE PELÁGIO — Pela ordem, Senhor Presidente. A oradora está inscrita?

VEREADOR MÁRIO DA GAMA E MELO — Está, renunciei a minha inscrição em favor dela.

VEREADOR ENÓQUE PELÁGIO — Muito obrigado ao Senhor Presidente e ao ilustre colega quanto ao esclarecimento prestado. A oradora mande brasa!

PRESIDENTE — A Água ocupe a Tribuna.

Trago em mim surdo mas violento protesto,
Quanto ao ímpio e hipócrita Pilatos,
Do meu ser honrado, embora modesto,
Serviu-se, na ignomínia dos seus atos.

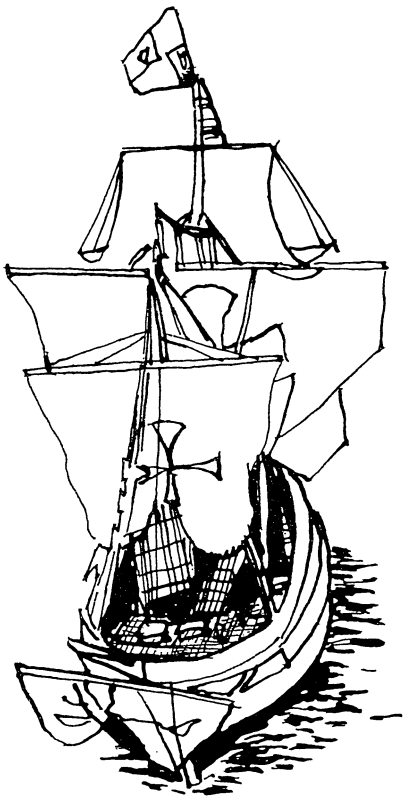
Vêem-me bela, (e sou) em cordas finas,
Neblina ao crepúsculo ou mesmo de manhã.
Nas distantes e azuladas colinas,
Ou sobre a simples telha vã.
Cerco pequenas e até grandes terras,
Transformando-as em ilhas,
Com suas montanhas, vales e serras,
Quero-as como se quer a filhas.
Sem mim não teriam meio,
Peixes, algas e corais,
Acolho todos em materno seio,
Com oxigênio, iodo e sais.
Banho a decorativa árvore da mansão,
E da humilde choupana o mamoeiro,
A rosa do jardim, a flor no caramanchão,
Nas necrópoles, o cipreste e o pinheiro.
Sou brincalhona, trêfega goteira,
Num teto suburbano pobre e furado,
Rolo feliz na enferrujada biqueira,
De um colonial prédio tombado...
Nas quedas, nelas me promovo,
Movimentando turbinas, moendo moinhos,
Para mim, assim, é tudo novo,
Na inusitada alegria dos caminhos,.
Dou-me exatamente por igual,
Ã nobre lavoura e ao rústico capim,
Da correta Justiça o bom sinal,
Para que me sinta muito bem assim.
Solidarizo-me cálida no rosto,
Do angustiado e sofrido ser,
Que em silêncio chora o seu desgosto,
Sem o justo consolo merecer.
Esqueço facilmente a ingratidão,
Dos que dizem não me deverem nada,
Como o cacto agreste em sua solidão
A quem contudo assisto ainda alentada.
Do operário cozinho o alimento,
Na luta penosa e diária do labor

Banho a decorativa árvore da mansão,
E da humilde choupana o mamoeiro,
A rosa do jardim, a flor no caramanchão,
Nas necrópoles, o cipreste e o pinheiro.

Com tal interesse que sustento,
Em ebulição, todo o meu calor.
Guarda-chuvas, capas, qualquer proteção,
Em relação a mim vejo com tolerância,
Malgrado existir uma grande multidão,
Quase nua, aos trapos, em última instância!...
Enterneço-me nos lábios da criança
Que só conhece a mim, como bebida...
Vejo com carinho seu olhar de esperança,
E desejo que esta lhe siga por toda sua vida.
Guardo conveniência quando, na intimidade,
Do banho alguém seu corpo me confia,
Para mim é grande, grande felicidade,
Vê-lo refeito e esquecido do calor que fazia.
Irrito-me e maldigo com o poder de sentença,
Aquele que me nega a quem quer que seja.
Um indivíduo desse não tem a menor crença,
Um mundo sem solidariedade, é bem o que deseja.
Oh! como sofro, quando me obriga a viagem,
A deixar de cair num rosal ou num roçado,
Para, lá adiante, já sem nenhuma paisagem,
Vaporizar o deserto, mundo estéril e parado.
Retardo a minha marcha em atenção,
A alguma ave que seu ninho procura,
Mais do que ninguém sei o que é a amplidão
Vence-la, sim, isso é coisa que dura!
Alegro-me também no Carnaval,
É o velho entrudo do antigo costume,
Me asperge o sacerdote, durante o nupcial,
A muita coisa sirvo que sequer não sei o nome.
Jarro, cântaro, moringa, pote,
Qualquer que seja o recipiente
Em que alguém, com interesse me bote,
Farei tranquilo o mais modesto ambiente.
Com satisfação sirvo na gaiola,
Ao pássaro preso sem culpa nenhuma,
E me orgulho se ajudo com a esmola
De facilitar-lhe a fuga na manhã de pluma.

Enterneço-me nos lábios da criança
Que só conhece a mim, como bebida...
Vejo com carinho seu olhar de esperança,
E desejo que esta lhe siga por toda sua vida.

Aos que praticam a natação eu louvo,
Sobretudo na peleja dos campeonatos,
Diante da aclamação geral do povo,
Nos tranpolins, arriscando seus saltos.
Do bombeiro, na hora difícil, amiga,
Mal a sirene toca, já de prontidão,
Ao mesmo tempo que longe, alguém irriga,
Tranquilo, tenra plantação.
Venço o vento, à noite, em temporais,
Sobre morros que dizem uivantes,
De artesianos poços jorro mais,
Se sedentos me parecem os caminhantes.
De afogados culpa não me cabe,
As bóias aí estão em sua leveza,
E a Morte é uma só, todo mundo sabe,
Hoje ou amanhã, virá ela com certeza.
Os navegantes trago em sã memória,
Pelos longos caminhos percorridos,
Com esforço inaudito fizeram a História,
Vencendo piratas, calmarias, nunca vencidos!
Adoro as canoas e as pontes,
O batelão, o navio, a jangada,
Cacimba, chafariz, singelas fontes,
De espelho sirvo quando estou parada.
Angustio-me se falto em casa de pobre,
Em horas às vezes de grande necessidade,
Quando me fazem sobrar nos luxos do nobre,
Em seus palacetes, espalhados na cidade.
Cantaram-me muitos, Baudelaire, Rilke...
Banhando a urbe ou banhando a planta,
Mas de tudo o que foi dito, quero que fique
A lisonja de Paulo, que me chamou de "santa".
Derramo-me na cabeça da criança,
No batismo, com grande parcimônia,
Contra o original pecado, na esperança,
De o homem sobreviver, conforme a cerimônia.



Os navegantes trago em sã memória,
Pelos longos caminhos percorridos,
Com esforço inaudito fizeram a Historia,
Vencendo piratas, calmarias, nunca vencidos!.

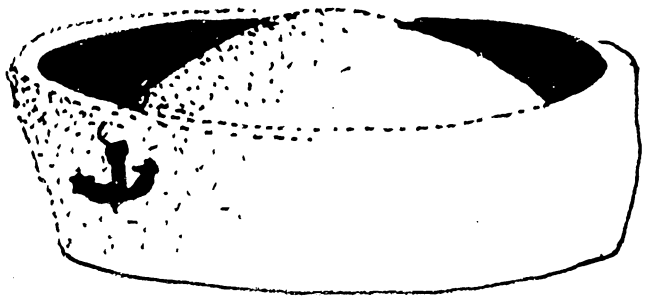
Térmica, me transformo em estação
Em longínquas e bucólicas paragens,
Estômago, fígado, até coração,
Dizem que curo nessas estalagens.
As lavadeiras, ah! cromo singelo,
No recanto lírico de um rio qualquer,
Em quadro especial que considero belo,
Tirando sujo de homem e de mulher.
Levam-me o Nordeste e o Terral,
Rio com o transeunte sem aviso,
Que esquecido da surpresa universal,
Busca marquises e abrigos de improviso.
O Serviço de Meteorologia respeito,
E apesar de ser pública propriedade,
AS vezes o desminto, com efeito,
Só para mostrar como é fugaz a verdade.
Em rútilo orvalho me ponho,
Paciente, à espera da aurora,
E tem ainda a sensação de sonho,
Da rubra pétala ter eu que ir embora,...
Piso de leve se escuto alguém,
Numa sala em penumbra, (a um canto um malmequer),
Tocando ao piano Liszt ou Chopin,
Sobre o instrumento, um retrato de mulher.
Compraz-me ficar escondida,
Alimentando as flores de um jarro,
Em fragância pouco a pouco perdida,
Seja a peça de metal rico ou de barro.
Penitencio-me das inundações,
Mas do Imponderável ninguém escapa,
Por superiores determinações,
Sou obrigada a modificar o mapa.
Melodias executo eternizando,
A música dolente mas sempre selvagem
No coração das matas, cantando, cantando,
Para poder mais leve continuar a viagem.

As lavadeiras, ah! cromo singelo,
No recanto lírico de um rio qualquer,
Em quadro especial que considero belo,
Tirando sujo de homem e de mulher.

Para os marinheiros todo o meu carinho,
Que de porto a porto os vejo navegar,
Na algazarra de um copo de cerveja, de vinho,
Com a saudade da partida, a alegria de chegar.
Nas piscinas e praias sou liberal,
Não me preocupa o pudor de ninguém,
Qualquer que me procure, sob a luz sideral,
Deve saber as vestes que fazem mal ou bem.
Dispensem-me se caio sobre enterros,
Mas igualmente aos outros posso também chorar
Um pobre mortal, ainda que com seus erros,
Pois prantear os mortos se deve e por eles orar.
Trago em mim surdo mas violento protesto,
Quanto ao ímpio e hipócrita Pilatos,
Do meu ser honrado, embora modesto,
Serviu-se, na ignomínia dos seus atos.
Com a primavera, ah! com ela me realizo,
Jardins e campos rebentando em flor,
Ramalhetes, corbelhas, no chão antes liso,
E tudo servindo à vista e servindo ao amor.
Pescarias, as ajudo quando posso,
De rede, caniço, mero anzol,
Que afinal o peixe, esse também é nosso,
Debaixo do luar ou sob o ardente sol.
Declaro que quero a todos os animais,
Para quem procuro ser a operária devota,
A cada favor que lhes faço quero-os mais
Para servi-los, mudo até de rota.
O arco-iris formo a todos lembrando,
O convívio pacífico que se vê na garoa
Pois acredito que só ao semelhante amando,
Pode um dia o homem ter uma vida boa.
Murmuro na boca das torneiras,
Sou alvura, caindo feita em neve,
Manhãs frias, em flocos, pelas eiras,
Mas muito de leve, mas muito de leve...
Desapareço às vezes além do verão,

Pescarias, as ajudo quando posso,
De rede, caniço, mero anzol,
Que afinal o peixe, esse também é nosso,
Debaixo do luar ou sob o ardente sol.

Mas é que esquecem o espiritual,
Voltar aos ceus é minha obrigação,
Por ordem de Deus, em eterno ritual.
Pareço fragil no arremesso ao rochedo.
Enganam-se: pedra! (pedra de gelo)
Não tenho hora, chego tarde ou cedo
Por toda a Natureza em especial desvelo.
Sou oceano, lago simples poça,
Conheço a grandeza e a miséria
E em mim a disciplina sempre moça
De sentir com o sol miuda réstia.



Para os marinheiros todo o meu carinho,
Que de porto a porto os vejo navegar,
Na algazarra de um copo de cerveja, de vinho,
Com a saudade da partida, a alegria de chegar.